

ALTAIR GERMANO



Didaskalias
Publicações

A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

OS
ANTECEDENTES
HISTÓRICOS
DE UMA
GRANDE
CONQUISTA



ALTAIR GERMANO



2ª Edição Ampliada

Paulista - PE
2020

Copyright © Altair Germano, 2020
2ª Edição Ampliada

A light beige silhouette of the map of Brazil serves as a background for the technical information section. The text is centered within the map's outline.

FICHA TÉCNICA

TÍTULO:

A Educação Teológica nas Assembleias de Deus no Brasil

EDIÇÃO:

Didaskalias Publicações

REVISÃO:

Elizabeth Assis

CAPA E DIAGRAMAÇÃO:

Jéssica Lindemberg

O texto bíblico aqui utilizado foi a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida, 4a. edição, publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil.

Contatos com o autor:

+55 81 99232-0617

altair.germano@gmail.com

SUMÁRIO

Dedicatória	6
Agradecimentos.....	7
Prefácio	8
Introdução	11

CAPÍTULO 1

A Educação Teológica e a Reforma Protestante	14
--	----

CAPÍTULO 2

A Educação Teológica na Perspectiva do Pietismo.....	18
--	----

CAPÍTULO 3

A Educação Teológica na Perspectiva do Metodismo Wesleyano	23
--	----

CAPÍTULO 4

A Educação Teológica na Perspectiva dos Precursores do Segundo Grande Despertamento.....	27
--	----

CAPÍTULO 5

A Educação Teológica na Perspectiva dos Pioneiros do Movimento Pentecostal	32
--	----

CAPÍTULO 6

A Educação Teológica na Perspectiva dos Missionários Suecos
nos Primeiros Anos das Assembleias de Deus no Brasil 42

CAPÍTULO 7

A Educação Teológica Formal na Perspectiva dos Missionários
Norte-Americanos nas Assembleias de Deus no Brasil 52

CAPÍTULO 8

A Educação Teológica nas Assembleias de Deus do Brasil
Entre os Anos de 1935 e 1980 57

Conclusão 71

APÊNDICE 1

O Ministério de Mestre ou Doutor e a Sua Relevância Para a
Educação Teológica 75

APÊNDICE 2

A Dignidade da Vocação Ministerial e a Educação Teológica... 88

Referências 100

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra aos pioneiros da educação teológica formal nas Assembleias de Deus no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao pastor Roberto José dos Santos pela gentileza de atender o convite para fazer o prefácio e aos pastores Isael Araujo e Gunar Berg pelas importantes informações históricas concedidas.

PREFÁCIO

- “A letra mata!” Esta afirmação ressoou em nossos ouvidos. Fazemos parte de uma geração que ainda vivenciou esta realidade.

Queremos agradecer ao Pr. Altair Germano pela bela iniciativa de nos brindar com esta obra tão esclarecedora acerca da Educação Teológica nas Assembleias de Deus no Brasil. A forma didática como desenvolveu o tema, com leveza e profundidade, permite a todos a possibilidade de compreender o caminho da educação teológica desde a Reforma Protestante até os nossos dias.

A Reforma Protestante trouxe benefícios educacionais, não apenas para a Igreja, mas para toda a sociedade. A contribuição da Reforma Protestante para a educação foi significativa. Seus líderes, de modo geral, não estavam preocupados somente com a formação espiritual dos crentes, mas buscavam também uma base cultural sólida. Em decorrência dos princípios da Reforma, há uma ênfase na obrigação à leitura, compreensão e a interpretação da Bíblia. A ideia da escola pública e para todos, organizada em três grandes ciclos (fundamental, médio e superior) e voltada para o saber útil nasce do projeto educacional de Lutero.

Ao longo do tempo, a educação teológica formal foi vista tanto como algo fundamental como desne-

cessária, já que praticar o cristianismo era mais importante do que conhecer sistematicamente a Palavra. Não há dúvida quanto à importante contribuição da pregação de Wesley; no entanto, crescer em graça e em conhecimento já era a prédica do apóstolo Pedro em seus dias (2 Pe 3.18).

Certamente, nossos pioneiros e fundadores foram fortemente influenciados por aqueles que não aceitavam o estudo teológico sistemático, pelo excessivo zelo de não criar uma geração acadêmica em detrimento de uma geração espiritual. No entanto, como podemos perceber ao longo desta obra, o Espírito Santo coooperou nas decisões para que não ficássemos desprovidos de uma educação teológica mais consistente. A simplicidade dos primeiros obreiros nas Assembleias de Deus no Brasil não ofuscou o brilho de seu trabalho. Esta se tornou a maior denominação no Brasil.

Evidente que hoje temos um grande número de obreiros que buscaram a educação teológica formal nos mais variados seminários e escolas teológicas. Até mesmo o Ministério da Educação no Brasil arrogou para si o curso e o título de bacharel em teologia. Isto provavelmente trará algumas dificuldades, já que teremos teólogos sem uma linha denominacional definida. Em vez dos simples obreiros espirituais do passado, poderemos ter modernos obreiros com teologias liberais.

Assim, o cuidado com a Educação Teológica deverá ser sempre primado nesta geração. Entre tantos

métodos, o método histórico gramatical necessita ser observado, pois tem por objetivo achar o significado de um texto sobre a base do que suas palavras expressam em seu sentido simples, à luz do contexto histórico em que foram escritas. A interpretação é executada de acordo com regras gramaticais e semânticas comuns à exegese de qualquer texto literário, baseada na situação do autor e do leitor de seu tempo. Desta forma, fica evidente que isto não representa uma leitura superficial do texto. Esta exegese requer conhecimento dos antecedentes linguísticos, históricos, culturais e geográficos do texto.

Que o Senhor aguçe todos os sentidos daqueles que se debruçarem sobre esta obra. Que tiremos profundas lições da história vivida até aqui. A melhor maneira de evitarmos o erro e o engano é através do sólido conhecimento da Palavra de Deus.

Parabéns, Pr. Altair Germano!

Roberto José dos Santos

Pastor e Presidente da IEADALPE e da COMADALPE

INTRODUÇÃO

A letra mata? Foi exatamente a falta de aplicação dos princípios exegéticos e hermenêuticos, elementos indispensáveis para a interpretação bíblica, que fez com que, por longos anos, e ainda hoje, muitos líderes interpretassem o texto de 2 Coríntios 3.6 como um alerta contra a educação teológica formal aplicada em seminários, escolas, institutos, faculdades, etc.

Na Bíblia de Estudo Pentecostal, a nota de rodapé que comenta o presente texto diz que não é a lei nem a Palavra de Deus escrita, em si mesmas, que destroem, mas sim as exigências da lei, que, destituídas da vida e do poder do Espírito, trazem condenação. [...] Através da salvação em Cristo, o Espírito Santo concede vida e poder espiritual ao crente para que este faça a vontade de Deus. Mediante o Espírito Santo, a letra da lei já não mata.¹

Conforme Stanley Horton, Paulo estava fazendo no texto de 2 Coríntios 3.6 um contraste entre o antigo concerto proclamado em pedras e o novo concerto “do Espírito”. Paulo não quis dizer que o sentido literal das Escrituras é algo mortal e que deva ser evitado. Também, continua Horton, não devemos buscar algum significado ou interpretação “espiritual”. Horton, com muita propriedade, declara que muitos danos têm sido causados por se espiritualizar ou alegorizar as verdades claras e literais da Bíblia.²

¹ *Bíblia de Estudo Pentecostal*, 1995, p. 1772.

² HORTON, 2003, p. 197.

No Comentário Bíblico Beacon se lê que por “letra” Paulo compreende o antigo concerto, conforme definido em um “código escrito” exterior. Por “Espírito” ele está caracterizando a revelação do novo concerto em Cristo, em termos de um código interno dinâmico e espiritual, em contraste com outro legal.³

Tantos outros comentários ao texto de 2 Coríntios 3.6 poderíamos aqui mencionar, e nenhum deles faria uma relação do texto em questão com a proibição ou recomendação para se evitar o estudo formal das Escrituras.

Ao longo dos anos, não foram poucos os membros e líderes de igrejas no contexto assembleiano, que foram excluídos, disciplinados, afastados de suas funções eclesiais e que sofreram outros tipos de punições por iniciarem um curso teológico.

Para compreender a mudança de paradigma da liderança das Assembleias de Deus no Brasil em relação à educação teológica formal, que passou da sua rejeição e proibição para a sua aprovação e incentivo, é necessário analisar alguns fatores que contribuíram para que somente após 47 anos de fundação da denominação o primeiro Instituto Bíblico fosse criado, e mesmo assim, sem a aprovação da maior parte da liderança nacional.

Iniciarei esta obra com uma exposição sobre a Reforma e a Educação Teológica, para em seguida tratar de dois movimentos que surgiram após a Reforma,

3 GREATHOUSE; METZ; CARVER, 2014, p. 418, v.8

o pietismo e o metodismo wesleyano, cujas ideias e características encontram-se presentes no Movimento Pentecostal. Em seguida, passarei a descrever a mentalidade anti-intelectual e contrária à educação teológica formal dos principais líderes do Segundo Despertamento, período este que precedeu o Movimento Pentecostal, e também a postura dos pioneiros do pentecostalismo clássico, Charles Parham e William Seymour, sobre o tema em questão.

Farei também uma análise sobre os motivos da resistência dos missionários suecos e dos obreiros nacionais em relação à abertura de escolas teológicas vinculadas às Assembleias de Deus no Brasil, e sobre a luta dos missionários americanos diante desta posição.

Por fim, apresentarei os eventos que culminaram com o reconhecimento oficial das primeiras instituições assembleianas de ensino teológico formal, e mencionarei alguns dos desafios resultantes disto para a presente e futuras gerações no contexto da denominação.

Meu propósito com a publicação deste livro é o de poder contribuir para um maior conhecimento dos aspectos históricos do desenvolvimento da educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil, e incentivar a constante pesquisa em torno do assunto.

Florença, Itália, primavera de 2018.



A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA E A REFORMA PROTESTANTE

A educação teológica está diretamente associada com a Reforma Protestante, quer em razão da formação acadêmica dos reformadores, quer pelas ações que eles realizaram em prol da mesma. Observaremos a seguir um pouco da vida, formação e relação com a educação teológica dos dois mais conhecidos personagens da Reforma Protestante.

MARTINHO LUTERO (1483-1546)

No verão de 1507, Lutero começou seus estudos de teologia, estudando as *Sentenças* de Pedro Lombardo com o auxílio de um comentário de Gabriel Biel, o *Collectaneum*, e das *Questiones* de Guilherme de Occam e de Pedro d'Ailly. Serviu-se para a interpretação da Escritura Sagrada, da *Glossa Ordinária*, uma compilação de textos dos Pais da Igreja estabelecida no século XII. Em março de 1509, tornou-se bacharel em Bíblia na Faculdade de Wittenberg.

No mesmo ano regressou para Erfurt, onde ministrava cursos acerca das *Sentenças* de Pedro Lom-

bardo, para no verão de 1511 retornar de forma definitiva para Wittenberg, onde relutante iniciou seu doutorado em teologia, obtendo esse grau em 1512, passando a comentar a Bíblia para os estudantes da Faculdade de Teologia de Wittenberg.

Quando viajava pela Saxônia Eleitoral e por Meissen, entre 22 de outubro de 1528 e 09 de janeiro de 1529, Lutero resolveu escrever um Catecismo. Explicou a razão de sua decisão da seguinte forma:

Meu Deus, quanta miséria não vi! O homem comum simplesmente não sabe nada da doutrina cristã, especialmente nas aldeias. E infelizmente, muitos pastores são de todo incompetentes e incapazes para a obra do ensino. Não obstante, todos pretendem o nome de cristãos, estão batizados e fazem uso dos santos sacramentos. Não sabem nem o Pai-nosso, nem o Credo, nem os Dez mandamentos [...].⁴

Havia em Lutero um claro interesse pelo estudo e pela formação teológica dos ministros da Palavra.

JOÃO CALVINO (1509-1564)

Seus primeiros anos escolares foram no Colégio dos Capetos, em Noyon, França, assim conhecido por causa do capuz usado pelos alunos. Nessa escola, Calvino tomava as primeiras lições de latim e preparar-se-ia para os estudos em níveis mais elevados na Universidade, em Paris.

⁴ LIENHARD, 1998, p. 69.

Em Paris, foi aluno de Mathurin Cordier, mestre do latim e do francês, elegante estilista e pedagogo. Do Colégio de La Marche, Calvino foi para Montaigu, com o objetivo de atender aos desejos de seu pai, de vê-lo seguir a carreira eclesiástica. Nesse mesmo colégio estudou Erasmo de Roterdã. Em Montaigu ele se tornou versado na teologia de Tomás de Aquino, de Agostinho, de Jerônimo e outros grandes nomes do passado.

Em 1528, aos 19 anos de idade, ao terminar o seu curso de Artes, Calvino deixou o Colégio de Montaigu para iniciar os estudos de Direito em Orleans e Bourges. Mesmo deixando Orleans sem completar o curso, por voto unânime lhe é conferido o grau de doutor. Na ânsia de dominar conhecimentos esotéricos e teorias fascinantes, lia até altas horas da noite. De retorno para Paris, no colégio Real, dedica-se aos estudos dos clássicos, amplia os seus conhecimentos de grego e inicia o aprendizado do hebraico:

Entendendo que “[...] as escolas teológicas [são] berçários de pastores”, Calvino criou uma Academia em Genebra (5 de junho de 1559), com cerca de 600 alunos, ampliando esse número para 900 em seu primeiro ano de atividades. Quando Calvino morreu em 1564, havia 1.200 alunos nos cursos superiores.⁵

Alunos estrangeiros vindos da França, Holanda, Inglaterra, Alemanha, Itália e de outras cidades da Suíça por lá passaram. Genebra transformou-se

⁵ FERREIRA, 1990, p. 196.

num grande centro acadêmico e missionário. Os protestantes foragidos que lá se instalaram e estudaram, puderam, posteriormente, levar para os seus países e cidades o Evangelho ali aprendido. Calvino, apesar de fundador, não quis dirigir a Academia. Serviu nela como professor de teologia.

DEPOIS DE LUTERO E CALVINO

Fundamentada numa concepção racionalista e metódica do Cristianismo, a Reforma não demorou a sucumbir a uma teologia retórica após a morte de Lutero e de Calvino. O surgimento de uma teologia escolástica no século XVII, mais inclinada à explicação racional dos dogmas do que aos valores emotivos da religiosidade humana, é relatada por Gomes.⁶ Foi contra essa intelectualização que vários movimentos surgiram no sentido de resgatar os valores experienciais, emocionais e piedosos da fé.

⁶ GOMES, 2000, p. 91.



A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NA PERSPECTIVA DO PIETISMO

O pietismo foi um movimento de renovação que surgiu entre os séculos XVI e XVIII, primeiramente entre os luteranos da Alemanha. Tinha como proposta a complementação da Reforma protestante iniciada por Martinho Lutero. Segundo os pietistas, a reforma doutrinária iniciada por Lutero precisava ser complementada por uma reforma de vida.

Os luteranos foram responsáveis pela fundação das Universidades de Marburg (1527), Königsberg (1544), Jena (1558) e Helmstedt (1575). Segundo Olson,⁷ várias foram as questões levantadas pelos pietistas em relação aos efeitos da Reforma, entre elas:

- a. A ênfase de Lutero nos aspectos objetivos da obra de Deus, ressaltando a justificação pela graça mediante a fé, o perdão e a imputação da justiça de Cristo ao pecador.
- b. Achavam que Lutero teria rejeitado a ideia da doutrina da conversão pessoal como aspecto indispensável da iniciação cristã.

⁷ OLSON, 2001, p. 485-504.

- c. A ortodoxia luterana e seu enrijecimento geral das categorias doutrinárias, mediante a sistematização racional e formulações doutrinárias extremamente detalhistas, construídas e elaboradas a partir da lógica aristotélica. A ortodoxia luterana era chamada pelos pietistas de “ortodoxia morta”. Chegou-se a criar o seguinte lema: “melhor uma heresia viva do que uma ortodoxia morta”.
- d. A aridez espiritual nos principais centros acadêmicos e universidades luteranas.
- e. A ênfase nos debates acadêmicos e discussões doutrinárias e teológicas que em nada agregavam valor à fé cristã.
- f. O desperdício de energia e tempo com críticas a outras formulações doutrinárias e sistemas teológicos, promovendo um infrutífero intelectualismo.
- g. O crescimento de uma letargia espiritual, moral e teológica.

Quatro nomes ganham destaque como os principais idealizadores, organizadores e propagadores do pietismo:

- **Johann Arndt (1555-1621)**. O precursor do pietismo, que escreveu um livro de grande influência, considerado por muitos historiadores como a “Bíblia” do pietismo, intitulado: *Quatro livros sobre o cristianismo verdadeiro*.

- **Philipp Jakob Spener (1635-1705)**. Considerado o patriarca do pietismo, escreveu a obra *Pia desideria* (desejos piedosos), em 1675, que contém uma crítica contundente às condições existentes na igreja estatal luterana na Alemanha de sua época.

- **Auguste Hermann Francke (1663-1727)**. É considerado o gênio organizador do pietismo. Ajudou a fundar a Universidade Pietista de Halle, criou várias instituições de caridade, escolas para ricos e pobres, um orfanato, uma editora e um centro missionário. Tornou-se o educador mais respeitado da Alemanha. Foi homem das letras e das obras.

- **Nikolaus Ludwig Von Zinzendorf (1700-1760)**. Foi considerado excêntrico, levando o pietismo ao extremo, ainda que permanecesse dentro dos parâmetros da teologia ortodoxa luterana, sem abrir mão de criticá-la. Combateu veementemente a teologia formal e sistemática. Colocou a experiência cristã e os sentimentos piedosos no âmago do cristianismo autêntico e deixou a teologia e doutrinas formais em segundo plano. O legado de Zinzendorf se encontra em todos os seguimentos do cristianismo posterior que se deleita em emoções e sentimentos espirituais.

Os principais temas do pietismo foram:

- a. **A prática de um cristianismo interior e experimental.** A vida piedosa cristã é proveniente da experiência da conversão, e não

de atos sacramentais. Justificação (aspecto objetivo da salvação) e regeneração (aspecto subjetivo da salvação) são verdades que se complementam.

- b. **A prática de um cristianismo tolerante e irênico.** As polêmicas em torno das questões teológicas, a caça aos hereges da ortodoxia luterana deveriam dar lugar a uma maior tolerância nas questões teológicas e doutrinárias secundárias. Seguiam o lema: “Nas coisas essenciais, unidade; nas coisas não essenciais, liberdade; em todas as coisas, amor.” (Rupertus Meldenius, 1582-1651). Primavam por um cristianismo apaziguador. A ortopatia e a ortopraxia precedem a ortodoxia, sem excluí-la.
- c. **A prática de um cristianismo visível.** Diferente da ortodoxia morta e do cristianismo nominal vinculado exclusivamente à filiação à Igreja, o verdadeiro cristianismo deveria ser manifesto nas atitudes e condutas e dos crentes. Mudança de vida e não apenas de mentalidade e entendimento deveria acontecer.
- d. **A prática de um cristianismo ativo e realizador.** Fazeres e não apenas saberes deveriam nortear a vida cristã autêntica. Longe de propagar o quietismo, ou seja, a alienação às questões deste mundo, o pietismo promovia o engajamento, a militância, a presença

e influência da Igreja em questões sociais e culturais.

Olson afirma ainda que:

Os grupos de reavivamento, incluindo os pentecostais e igrejas de santidade, como os nazarenos e as Assembleias de Deus, podem ser vistos como extensões radicais do pietismo cristão. [...] O pietismo foi malsucedido em disseminar o individualismo religioso, o emocionalismo e o anti-intelectualismo.⁸

Pode-se, dessa forma, perceber no pietismo alguns elementos que foram reproduzidos no pentecostalismo clássico, que contribuíram para a implantação de uma educação teológica formal tardia.

⁸ Ibid.



A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NA PERSPECTIVA DO METODISMO WESLEYANO

O metodismo foi um movimento de avivamento espiritual cristão que surgiu na Inglaterra do século XVIII. Enfatizou a relação íntima do indivíduo com Deus, iniciando-se com uma conversão pessoal e seguindo uma vida de ética e moral cristã. O metodismo foi liderado por John Wesley (1703-1791), ministro da Igreja Anglicana, e seu irmão Carlos Wesley, considerado um dos maiores expoentes da música sacra protestante.

Conforme Noll,⁹ na Inglaterra do século XVIII imperava um controle rígido da Igreja estatal sobre as práticas eclesiais. Os batistas, congregacionais e presbiterianos, oriundos do puritanismo, movimento que tentou purificar a Igreja Anglicana dos “muitos trapos do papado”, precisavam de autorizações especiais para a realização de seus cultos.¹⁰

Em 1730, John e Carlos Wesley, juntamente com outros amigos começaram a reunir-se em Oxford para estudar juntos, organizando uma pequena sociedade,

⁹ NOLL, 2000, p. 232-233.

¹⁰ CAIRNS, 1992, p. 273.

que recebeu de seus críticos e observadores o nome de “clube santo”, “devoradores de Bíblia” e “metodistas”:

Os membros dessa sociedade se comprometiam a levar uma vida santa e sóbria, a receber a comunhão uma vez por semana, a cumprir fielmente suas devoções particulares, a passar três horas reunidos cada tarde, estudando as Escrituras e outros livros religiosos, e a visitar os cárceres regularmente.¹¹

Os críticos usaram o termo “metodistas” porque, segundo entendiam, queriam encontrar e praticar um método de espiritualidade.¹²

John Wesley não se propôs a fundar uma nova Igreja ou denominação, mas grupos de renovação na Igreja da Inglaterra (Igreja Anglicana).

Uma das práticas revolucionárias de Wesley foi a pregação ao ar livre. Em seu diário registrou que em 02 de abril de 1733, “Às quatro da tarde, eu me sujeitei a ser o mais desprezível e proclamei nos caminhos as boas novas da salvação, falando de uma pequena elevação numa área próxima da cidade a cerca de 3.000 pessoas [...]”.¹³

Em 24 de maio de 1738, uma experiência marcou profundamente a vida de Wesley:

À noite, fui de muita má vontade a uma sociedade na rua Aldersgate, onde alguém lia o prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos. Quando faltava um quarto para as nove, enquanto ele descrevia a mu-

11 GONZALEZ, 1993, p. 175.

12 OLSON, *ibid.*, p. 522.

13 NOLL, *ibid.*

dança que Deus opera no coração mediante a fé em Cristo, senti em meu coração um ardor estranho. Senti que confiava em Cristo, e somente nele, para minha salvação e me foi dada a certeza de que ele havia resgatado os meus pecados, e me havia salvo da lei do pecado e da morte.¹⁴

Após essa experiência, num período onde as estradas não ajudavam em termos de boas condições, John Wesley percorreu cerca de 380 mil km (a maior parte a cavalo), pregou cerca de 40.000 sermões (uma média de mais de dois por dia).

Collins, um importante pesquisador e intérprete de Wesley, comentando o seu perfil teológico, afirma que ele não foi um teólogo sistemático, alguém que tentou sintetizar todo conhecimento humano e demonstrar, de forma minuciosa, a unidade desse conhecimento em Cristo. Ao contrário, a teologia de Wesley era praticada em sermões, liturgia, orações, credos, ocasionais obras, artigos de jornal e cartas; tinha uma orientação firmemente soteriológica, em vez de epistemológica. Era uma teologia prática, não especulativa.¹⁵

Olson entende que Wesley não intentou escrever uma teologia sistemática por acreditar que já havia compêndios suficientes de doutrinas e especulações teológicas entre os protestantes. Pode-se perceber nesta análise de Olson que, todas as vezes que a teologia partiu para o nível das especulações infrutíferas,

¹⁴ GONZALEZ, *ibid.*, p. 177.

¹⁵ COLLINS, 2010, p. 15-31.

improdutivas e áridas, sofreu resistência da parte daqueles que entendiam a urgência e a necessidade de uma teologia que considerasse as realizações no Reino de Deus, e não apenas as reflexões sobre o Reino de Deus.¹⁶

Wesley contribuiu significativamente com a história da teologia protestante, incluindo as Escrituras, a razão, a tradição e a experiência (quadrilátero) como ferramentas essenciais para o exercício da teologia. Difundiu também a crença na perfeição cristã ainda nesta vida ou no momento da morte, mediante uma “segunda bênção” que promoveria um estado de santificação plena. Sua teologia era arminiana, sendo mais uma forma de sinergismo evangélico, ou seja, a salvação é obra da graça de Deus, mas pode ser aceita ou rejeitada pelo livre arbítrio do homem.

Assim como os pietistas, Wesley afirmava que a mera declaração verbal, a adequação a um conjunto de doutrinas, não transforma ninguém de imediato num cristão autêntico. É necessário vivenciar uma experiência transformadora com Deus.

Para Noll, as práticas do metodismo continuaram a moldar a vida e a doutrina protestante, influenciando denominações inteiras, entre elas as Assembleias de Deus.¹⁷

¹⁶ Ibid.

¹⁷ NOLL, *ibid.*, p. 234.



A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NA PERSPECTIVA DOS PRECURSORES DO SEGUNDO GRANDE DESPERTAMENTO

A obra de revitalização promovida pelos irmãos Wesley deu origem ao evangelicalismo moderno¹⁸. Entre os anos de 1800 e 1900, período em que se vivenciou o Segundo Grande Despertamento, e em que se desenvolveu o Movimento Holiness, a educação teológica formal sofreu os seus mais sérios ataques dentro do protestantismo.

Os principais nomes que sequenciaram o Grande Avivamento promovido pelo metodismo wesleyano não conseguiram captar os ideais de John Wesley, na busca por um cristianismo pensante. Nañez descreve a postura anti-intelectual e antiteológica que norteou os pensamentos e discursos de quatro ícones deste período que antecedeu o pentecostalismo clássico¹⁹:

- **Peter Cartwright (1785-1872)**. Cartwright desenvolveu seu ministério entre os anos de 1803-1871

¹⁸ NOLL, *ibid.*, p. 238.

¹⁹ NAÑEZ, 2007, p. 166-184.

e foi o maior pregador de seu tempo. Ele pregou não menos de 25 mil vezes, e dirigiu encontros em acampamentos por 52 anos para cerca de 10.000 pessoas por encontro. Durante o tempo em que esteve atuando, o movimento metodista passou de 65.000 para dois milhões de seguidores.

Em relação à educação e formação teológica, foi um duro crítico. Observemos algumas de suas posturas:

- a. Censurou o treinamento teológico;
- b. Repudiou os seminários;
- c. Desprezou a aprendizagem nos livros;
- d. Zombou dos pregadores que falavam o inglês correto;
- e. Creditou o fracasso de algumas denominações ao treinamento teológico erudito;
- f. Criticou os pastores que pregavam lendo os sermões.

Mesmo estando envolvido no movimento iniciado por Wesley, Cartwright parecia não se lembrar que um dos seus grandes referenciais foi aluno e se formou na Universidade de Oxford.

- **Charles Finney (1792-1875)**. Entre muitas de suas declarações contra a educação teológica formal, destacam-se as seguintes:

- a. Dizia que não precisava de mais nada além da Bíblia;

- b. Desprezou, assim como Cartwright, o sermão escrito do qual faziam uso, dentre tantos, Lutero e Edwards, que escreviam e liam suas mensagens do púlpito;
- c. Detestou a maioria das obras literárias clássicas da época;
- d. Admitiu que, apesar de ter recebido sua ordenação na Igreja Presbiteriana, nunca leu a Confissão de Westminster;
- e. Promoveu um estilo de pregação altamente emotiva, sem comprometimento doutrinário e reflexivo.

Foi Finney que introduziu o “apelo” nas pregações evangelísticas. O resultado deste tipo de postura e pregação foi descrito posteriormente por Finney, como algo que produziu nas massas uma fé tão superficial, que não conseguia resistir ao tempo.

- Dwight L. Moody (1837-1899). Moody cresceu num contexto influenciado grandemente pelo pensamento de Peter Cartwright e de Charles Finney. Apesar de sua grande contribuição no advento do pentecostalismo clássico, assim como Cartwright e Finney, também de opôs de várias maneiras à educação teológica formal:

- a. Evitava e fazia pouco caso das discussões em torno da autoria dos livros da Bíblia;
- b. Quando era confrontado com passagens difíceis das Escrituras, orientava que simples-

mente fossem ignoradas, alegando que a Bíblia não foi feita para ser entendida;

- c. Aconselhava os cristãos a desconsiderarem o conhecimento acadêmico e os insípidos catecismos;
- d. Se vangloriava de não ter “uma teologia”;
- e. Não lia nada além da Bíblia;
- f. Afirmava que a inteligência era desnecessária, e que a única necessidade do cristão era o poder de Deus.

Apesar desta postura anti-intelectual e antiteológica, estes homens apoiavam um treinamento básico para os ministros. Eles apoiaram e fundaram escolas bíblicas:

À semelhança de Cartwright, que colaborou com o crescimento do McKendree College, e de Finney, que dirigiu Oberlin, Moody também fundou o Moody Bible Institute (Instituto Bíblico Moody).²⁰

É importante ressaltar que as escolas de treinamento para ministros apoiadas ou fundadas por Cartwright, Finney e Moody, não tinham conteúdos, objetivos, grade curricular nem metodologia semelhantes aos dos centros acadêmicos e teológicos da época.

- **Billy Sunday (1862-1935).** Sunday, considerado um dos homens mais importantes dos Estados Unidos, combinou o desinteresse de Moody em questões teológicas com o pragmatismo evangelístico de Finney. Entre outras coisas:

²⁰ Ibid.

- a. Demonstrou desconsideração pela vida intelectual;
- b. Afirmou que a Igreja nos EUA morreria apodrecida e desceria ao fundo do inferno se todos os membros fossem milionários ou tivessem formação acadêmica;
- c. Pregou que a estrada para o Reino de Deus não passava pela universidade;
- d. Disse que milhares de diplomados caminhavam em direção ao inferno;
- e. Declarou que se tivesse 1 milhão de dólares, daria 999.999 para a Igreja e apenas 1 dólar para a educação;
- f. Combateu também os sermões escritos.

Calcula-se que cerca de um bilhão de pessoas sentaram-se para ouvir estes quatro homens.²¹ A contribuição deles para o avanço e crescimento do Evangelho é indiscutível. A posição extrema que adotaram em relação à educação teológica formal, e os prejuízos advindos desta postura para o Pentecostalismo Clássico (e para benefício de um Pentecostalismo Pragmático), e consequentemente para a educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil, são também indiscutíveis.

²¹ Ibid.



A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NA PERSPECTIVA DOS PIONEIROS DO MOVIMENTO PENTECOSTAL

A origem do que hoje entre os estudiosos é designado de Movimento Pentecostal se relaciona diretamente com o Movimento de Santidade (*Holiness*), nascido e difundido entre os metodistas e as igrejas independentes nos EUA no século XIX, durante o período do Segundo Despertamento.

Os nomes de maior relevância entre os pioneiros do Movimento Pentecostal são Charles Parham, William Seymour e William H. Durham. Eles estiveram envolvidos diretamente com os movimentos e pensamentos que estiveram presentes na origem do pentecostalismo.

CHARLES FOX PARHAM (1873-1929)

Parham contribuiu com a teologia do pentecostalismo clássico, afirmando que o falar em línguas era a evidência inicial do batismo com o Espírito Santo (com ênfase na *xenolalia*, o falar em idiomas humanos identi-

ficáveis, sem antes tê-los estudados). Em 1890, ingressou no Southwest Kansas College e, por três anos, lutou com seus estudos e com sua chamada para pregar.

Em 1893, abandonou os estudos para assumir o pastorado temporário de uma igreja metodista. Em 1895 deixou a Igreja Metodista para iniciar um ministério independente. No ano de 1898, fundou com sua esposa, Sarah Thistlethwaite, em Topeka, o *Bethel Healing Home* (Casa de Cura Betel), onde oferecia ensino sobre a fé para pessoas que buscavam a cura divina.²²

Em 1900, fundou o *Bethel Bible School*, com o propósito de preparar missionários. Antes de sair para uma de suas viagens, instruiu os seus alunos para pesquisarem no livro de Atos sobre qual seria a evidência do batismo com o Espírito Santo. Chegaram à conclusão de que seria o falar em outras línguas. Em 1º de janeiro de 1901, uma de suas alunas, Agnes Ozman, experienciou a tão desejada e aguardada bênção.²³

Sua posição contrária ao estudo teológico acadêmico se manifesta:

- a. Na contraposição que fazia entre “a educação pelo Espírito” e o estudo formal;
- b. Desejou estudar medicina, mas ao abandonar a ideia, alegou ter recebido a revelação de que a educação impede o serviço sincero a Deus no ministério;

22 ARAUJO, 2007, p. 542.

23 ANDERSON, 2007, p. 48.

- c. Declarou que a educação teológica formal era um prejuízo para o ministério;
- d. O *Bethel Bible School* tinha o currículo basicamente constituído de leitura da Bíblia e da apresentação de comentários pessoais sobre os textos estudados;
- e. Desprezou o sistema teológico e doutrinário construído após a Reforma.
- f. Esse posicionamento de Parham o levou a difundir algumas doutrinas e interpretações bíblicas de difícil fundamentação, como por exemplo:²⁴
 - a. Chegou a afirmar que o batismo em águas não era necessário;
 - b. Os anglo-saxões eram as dez tribos perdidas de Israel;
 - c. Os hindus eram descendentes de Abraão, enquanto que as raças negra, vermelha e amarela pertenciam aos “bárbaros”;
 - d. Entendia que as línguas oriundas do batismo com o Espírito Santo sempre estavam associadas a um idioma deste mundo (*xenologia*), o que capacitava o indivíduo a pregar o evangelho no país onde o idioma era falado.

Sempre que confrontado acerca de suas doutrinas, enfatizava-as mais ainda, fundamentado na ideia de serem revelações especiais.

²⁴ NAÑEZ, *ibid.*, p. 106.

WILLIAM SEYMOUR (1870-1922)

Seymour foi o filho mais velho de escravos libertos. Conforme o Censo de 1880 da região de Luisiana, onde nasceu, Seymour frequentou uma escola onde aprendeu a ler. Converteu-se na “*African Methodist Episcopal Church*” em Indianápolis, e em seguida frequentou também a *Evening Light Saints*, a atual *Church of God*.²⁵

Entre o final de 1899 e início de 1900, mudou-se para Cincinnati (Ohio), onde parece ter frequentado a *God’s Bible School*, dirigida por Martin Wells Knapp. A escola dedicava-se basicamente ao estudo da Bíblia e ao treinamento dos seus alunos para serem trabalhadores nos “grandes campos brancos, prontos para a colheita”. Mudou-se para Houston (Texas) entre 1902 e 1903, onde começou a realizar reuniões evangelísticas. Baseado numa “revelação especial”, Seymour foi para Jackson (Mississippi), onde ficou sob a liderança de Charles Price Jones, líder da Santidade Wesleyana no sul dos EUA e cofundador da *Church of God in Christ*, ao lado de Charles Harrison Mason.

Em 1905 voltou para Houston, onde recebeu a liderança de uma pequena igreja fundada por Lucy Farrow, uma viúva afro-americana. Com o retorno de Charles Fox Parham para Houston, Seymour foi logo incentivado por Lucy Farrow a estudar em sua escola bíblica, e aprender sobre o batismo com o Espírito

25 ARAUJO, *ibid.*, p. 779.

Santo. Por causa da segregação racial imposta pelas leis na região, Seymour ouvia as aulas do lado de fora da sala, através da porta entreaberta.²⁶

Seymour ficou ligado ao trabalho de Parham até o início de fevereiro de 1906, quando já tinha ajustado o sistema teológico da Santidade Wesleyana com o ensino de Parham sobre o batismo com o Espírito Santo evidenciado pelo falar em outras línguas. Aceitando o convite da comunidade negra de Los Angeles para pastorear uma igreja da Santidade, que havia sido fundada por Julia W. Hutchins, a contragosto de Parham para lá partiu, chegando em 22 de fevereiro de 1906.

Os ensinamentos de Seymour acerca do batismo com o Espírito Santo foram rejeitados por Julia Hutchins, e ele acabou impedido de entrar no prédio da igreja. Pediu socorro a um dos membros da igreja, Edward Lee, que lhe acolheu em sua casa. Foi convidado então por Lee a ministrar num pequeno grupo de estudo bíblico que se reunia na Rua Bonnie Brae, 214, em casa de Richard e Ruth Asberry, onde continuou a ensinar sobre o batismo com o Espírito Santo com a evidência do falar em outras línguas, apesar de ainda não o ter recebido. Em 9 de abril de 1906, vários membros daquele grupo de estudo começaram a falar em outras línguas. Como muitos foram atraídos pelo fenômeno, Seymour foi obrigado, por volta de 15 de abril, a buscar um local mais adequado para as reuniões.

26 ANDERSON, *ibid.*, p. 55.

Foi alugado então um prédio vazio, onde funcionara a Stevens African Methodist Episcopal Church, na Rua Azusa, 312.²⁷

O pentecostalismo difundido a partir da Rua Azusa enfatizou a obra do Espírito, ao mesmo tempo em que desvalorizou a instrução formal. No jornal mensal do Movimento, que recebeu o nome de Fé Apostólica (Apostolic Faith), encontramos as seguintes informações e exortações:

O Senhor concedeu línguas para os sem instrução acadêmica, como grego, latim e hebraico. [...] Não sejam confundidos pela teorização, mas permaneçam em Jerusalém [...] Ele revelará toda a Palavra, de Gênesis a Apocalipse. (SEYMOUR, Apostolic Faith, setembro de 1906, p. 1-4).²⁸

Durante os primórdios do Movimento em Azusa disseminaram-se ideias do tipo:

- a. A revelação pessoal, e não a revelação por meio do estudo equilibrado da Escritura sob a iluminação do Espírito era destacada;
- b. As grandes obras espirituais estavam acontecendo nas pessoas, e por meio de pessoas sem instrução;
- c. A atividade médica é carnal;
- d. Os livros e sermões escritos deviam ser condenados ao fogo do juízo;

²⁷ ARAUJO, *ibid.*

²⁸ NAÑEZ, *ibid.*, p. 108-110.

- e. A teologia e os credos eram inimigos do reavivamento;
- f. A interpretação das Escrituras era uma obra exclusivamente do Espírito;
- g. O uso de instrumentos musicais foi desestimulado, pois o Espírito Santo tocava piano em todos os corações;
- h. Quando os instrumentos eram utilizados, se afirmava que a música não vinha do homem, mas que era dada sobrenaturalmente pelo Espírito;
- i. A maior parte dos líderes do início do Movimento Pentecostal consideravam as Igrejas não pertencentes ao Movimento como inimigas de Deus e anticristãs.

A grande contribuição de Seymour, e a sua importância para o pentecostalismo, é algo notório. Não é nosso propósito aqui diminuir o seu valor. Acontece que não teríamos condições de entender o antagonismo, a resistência, o preconceito e a desconfiança para com a educação teológica formal no contexto do pentecostalismo brasileiro sem o conhecimento dos fatos até aqui apresentados. O entendimento do presente não pode ser pleno sem o conhecimento do passado.

WILLIAM H. DURHAM (1873-1912)

Nascido na zona rural de Kentucky, Durham acompanhava a sua família nos cultos da Igreja Ba-

tista. Sua experiência de conversão se deu em 1898. Em 1901, Durham aderiu ao Movimento de Santidade e passou a presidir a Missão do Evangelho Pleno na *North Avenue*, em Chicago.²⁹

Em 1907, Durham visitou a Missão da Rua Azusa, e em 2 de março, foi ali batizado no Espírito Santo com a evidência inicial do falar em línguas. Ao retornar à sua igreja em Chicago, ele passou a ensinar e a trabalhar na propagação da doutrina pentecostal. Muitos ministros ouviam Durham e levavam a mensagem pentecostal para as suas igrejas. A igreja de Durham tornou-se o principal centro de difusão do pentecostalismo do meio-oeste, e posteriormente para todo o mundo.³⁰

Após estudos e investigações pessoais sobre o batismo com o Espírito Santo com a evidência inicial do falar em outras línguas, Durham, diferente do que naquela época era ensinado pelos pioneiros do Movimento Pentecostal, que entendiam ser o batismo com o Espírito Santo a terceira obra da graça, antecedido pela salvação e pela santificação plena (segunda bênção), uma herança doutrinária wesleyana, passou a ensinar que o batismo com o Espírito Santo seria na realidade a segunda obra da graça (segunda bênção), e que a santificação acontecia no momento da salvação. Essa nova doutrina passou a ser conhecida como “A Obra Consumada”.³¹

29 ARAUJO, *ibid.*, p. 278.

30 SYNAN, 2009, p. 90-91.

31 SYNAN; FOX JR., 2017, p. 123-124.

A controvérsia surgida com o ensino de Durham alcançou maiores proporções, quando em 1910, por ocasião de uma convenção Pentecostal em Chicago, ele procurou negar definitivamente a santificação como uma segunda obra da graça, negando categoricamente o conceito wesleyano (seguido pelo Movimento *Holiness*), reafirmando que uma pessoa estava perfeitamente santificada na conversão:

A doutrina da Obra Consumada nos traz de volta ao simples plano da salvação. Cristo morreu por nós. Ele se tornou um substituto para cada um de nós. Ele provou a morte por cada homem. É uma verdade tão simples e, ao mesmo tempo, tão grande que é maravilhosa. Não somos salvos simplesmente porque estamos perdoados pelos nossos pecados. Nós somos salvos através da nossa identificação com o nosso Salvador Substituto, Jesus Cristo.³²

O ensino de Durham dividiu doutrinariamente mais uma vez o Movimento Pentecostal, criando mais uma ruptura permanente. Durham morreu de tuberculose no verão de 1912, mas a sua mensagem aumentou de popularidade e, por fim, tornou-se a posição oficial predominante no Movimento Pentecostal, promulgada de maneira mais forte pelas Assembleias de Deus, atualmente a maior denominação Pentecostal do mundo.

³² Ibid., p. 106.

A SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO TEOLÓGICA FORMAL NO CONTEXTO DO INÍCIO DO MOVIMENTO PENTECOSTAL

É importante destacar, que a perda dos propósitos originais da educação teológica formal era uma realidade presente no contexto do surgimento do Movimento Pentecostal.

No século XIX, as universidades protestantes abandonaram gradativamente o seu principal objetivo de preparar ministros, se secularizaram, desvalorizaram o curso de teologia e sob a influência do advento do iluminismo adotaram uma postura teológica liberal.

Teologia Liberal ou Liberalismo Teológico foi um movimento iniciado na Alemanha, cuja produção se deu entre o final do século XVIII e o início do século XX. Dentre os seus principais ensinamentos estão a relativização da autoridade da Bíblia e a não crença nos milagres bíblicos. Um teólogo que não reconhece a autoridade final das Escrituras em termos de fé e doutrina é denominado, pelo protestantismo ortodoxo, de “teólogo liberal”.

Matos nos informa que até meados do século XIX, nos EUA, no mesmo período que acontecia os Despertamentos, os presbiterianos criaram 49 “*colleges*” (faculdades), os congregacionais 21, os reformados alemães 4 e os reformados holandeses 1. Entre essas instituições estavam as universidades de Harvard (1636), Yale (1701) e Princeton (1746).³³

33 MATOS, 2010, p. 60.



A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NA PERSPECTIVA DOS MISSIONÁRIOS SUECOS NOS PRIMEIROS ANOS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

Os primeiros anos da Assembleia de Deus no Brasil foram marcados pelo forte trabalho e pela presença dos missionários de origem sueca.

Os pioneiros do trabalho no Brasil foram os missionários Gunnar Vingren (1879-1933) e Daniel Berg (1884-1963), que aportaram em terras brasileiras em 19 de novembro de 1910, vindos dos Estados Unidos. Conforme Freston:

A Suécia da época não era a próspera sociedade do bem-estar em que se transformou posteriormente. Era um país estagnado com pouca diferenciação social, forçado a exportar grande parte da população. Mais de um milhão de suecos emigram para os Estados Unidos entre 1870 e 1920.³⁴

Berg chegou aos Estados Unidos em 25 de março de 1902, e Vingren em novembro de 1903. Vingren e

³⁴ FRESTON, 1996, p. 76.

Berg tinham o propósito de pregar a mensagem pentecostal. Não intencionavam abrir igrejas ou fundar uma nova denominação. O desejo dos missionários era que a mensagem pentecostal, com ênfase no batismo com o Espírito Santo evidenciado pela manifestação do falar em outras línguas, fosse recebida pelas igrejas no Brasil, proporcionando dessa forma um grande despertamento espiritual.

O projeto dos missionários enfrentou uma tão grande resistência, que acabou promovendo uma divisão na Primeira Igreja Batista do Pará, vindo este fato a contribuir para o surgimento daquela que se tornaria a maior denominação evangélica pentecostal do Brasil na atualidade, a Assembleia de Deus.

A data de 18 de junho de 1911 é tida como a data oficial da fundação da Igreja, que inicialmente foi chamada de “Missão da Fé Apostólica”. Em 11 de janeiro de 1918, Gunnar Vingren registrou em cartório a “Sociedade Evangélica Assembleia de Deus”.³⁵

Vingren e Berg provavelmente não tiveram, por ocasião da partida dos Estados Unidos, nenhum suporte ministerial ou financeiro de igreja ou de alguma organização missionária americana ou sueca. O relato de Gunnar Vingren em seu diário deixa isso transparecer:

Tanto eu como Daniel já tínhamos recebido todas as confirmações de nossa chamada divina. Agora só restava nos ocupar dos preparativos, e ver o que tínhamos de levar conosco. Porém, em vez de receber alguma coisa, tivemos de dar tudo. Eu havia sacrifi-

³⁵ ARAUJO, *ibid.*, p. 40-41.

cado o privilégio de ter cursado durante quatro anos no seminário batista, e renunciado à chance de ser enviado como missionário deles à Índia. E o Daniel também não tinha nada. Ali estávamos os dois sem nenhum recurso, sem pertencer a nenhuma denominação. Porém pertencíamos à denominação do Céu.³⁶

O apoio que os missionários receberam da missão sueca, principalmente através da Igreja Filadélfia de Estocolmo, presidida pelo pastor Lewi Pethrus foi algo que aconteceu posteriormente. Em 10 de outubro de 1914 chegou ao Brasil o primeiro casal de missionários ligado à missão sueca, Otto e Adina Nelson, oriundos da cidade de Chicago, EUA. Em 05 de junho de 1916, na Igreja Filadélfia de Estocolmo, o casal Samuel e Lina Nyström foram separados para o trabalho missionário no Brasil, aonde chegaram no dia 18 de agosto de 1916, na cidade de Belém do Pará.

Lewi Pethrus e Daniel Berg foram grandes amigos durante a juventude na Suécia.³⁷ Desceram às águas batismais no mesmo dia, em 12 de fevereiro de 1899.³⁸ Certamente, a amizade entre Pethrus e Berg foi decisiva para o apoio da missão sueca ao trabalho dos pioneiros no Brasil. Daniel Berg viajou para a Suécia em 1914, ocasião que manteve contato com Lewi Pethrus, e foi convidado para pregar, dar um relatório do trabalho no Brasil, e levantar uma oferta na Igreja Filadélfia de Estocolmo.³⁹

36 VINGREN, 2010, p. 30.

37 BERG, 2010, p. 28-29.

38 PETRUS, 2004, p. 37-38.

39 ARAUJO, *ibid.* p. 470.

Dos dois missionários pioneiros, apenas Gunnar Vingren tinha formação teológica. Ele realizou seus estudos na *Faculty of the Divinity School*, de 1904 a 1909, sendo diplomado pela *Swedish Theological Seminary*, da *University of Chicago* (USA).⁴⁰

Com o passar dos anos, outros missionários suecos vieram para o Brasil, no sentido de cooperar com a evangelização da nação. O preparo teológico dos missionários suecos acontecia em escolas bíblicas informais, que duravam três meses, num curso intensivo que objetivava a formação de pregadores pentecostais, recebendo ao final um certificado de participação, e o título de “evangelistas”. O curso era de caráter informal, mais servia de pré-requisito para a ordenação ao ministério ou para o envio ao campo missionário, como era o caso dos obreiros filiados à Igreja Filadélfia, liderada pelo pastor Lewi Pethrus. Na Suécia, eram também realizadas conferências anuais, tidas como importantes para a formação dos obreiros, que duravam uma semana.

Duas questões são no mínimo curiosas quando o assunto é educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil. A primeira se refere ao fato de que o grande apoiador e patrocinador da missão sueca no Brasil, Lewi Pethrus, teve formação teológica. Em seu diário ele faz o seguinte relato:

Durante o meu primeiro período no campo, tinha pensado em não procurar nenhuma escola de teolo-

40 Ibid., p. 558.

gia. Eu sabia que naquele tempo os pregadores que mais se destacaram no meio evangélico, Charles Spurgeon e Dwight Moody, não tinham nenhuma formação teológica. Amigos e conhecidos falaram comigo, mas como isso deveria ser feito, a minha vontade de ler me influenciou muito, como também o pensamento de que talvez somente grandes e talentosos podiam conseguir sozinhos. Então decidi entrar no Seminário Betel, em Estocolmo. [...] Eu tinha facilidade de aprender. [...] eu passava a maior parte do tempo na biblioteca.⁴¹

Dessa forma, em 1904, Pethrus iniciou seus estudos teológicos numa instituição formal. Em seus escritos, pode-se perceber alguns fatores que vieram a contribuir para o antagonismo acadêmico que norteou o pensamento dos missionários suecos no Brasil. Tais fatores foram:

- a. O tempo demasiadamente gasto com matérias profanas (seria por acaso uma referência, por exemplo, ao estudo da filosofia?);
- b. Grande ênfase no aprendizado;
- c. O declínio de sua vida espiritual face ao seu envolvimento com brincadeiras frívolas, piadas e outras práticas nas relações diárias no seminário. Ele tornou-se um dos brincalhões mais avançados, influenciado por colegas de pensamento “livre”, que o fizeram desistir de sua atitude puritana;

41 PETRUS, *ibid.*, p. 59-60.

- d. Os conflitos espirituais que resultaram desta nova e mundana conduta.

A teologia liberal que norteava o pensamento do clero luterano da Igreja Estatal na Suécia, pode também ter contribuído com a postura de Pethrus.⁴² A atitude negativa de Pethrus para com as instituições formais de ensino teológico é expressa na declaração abaixo:

Apesar de nossas atitudes negativas em relação a uma escola de pregadores (Seminário), a questão vinha à tona de vez em quando. Nunca fui contra a educação através dos livros; considero isso de grande valor. Todavia, isso causou grandes danos quando o trabalho cristão foi colocado no lugar errado, e chegaram a empurrar isso para fora que é muito mais significativo para o Reino de Deus.⁴³

Pethrus resistia à ideia de uma educação teológica desassociada e fora do ambiente da igreja local.

A segunda questão que nos chama a atenção é sobre o silêncio de Gunnar Vingren sobre a educação teológica. Sobre isto, Alencar comenta:

Interessante, porém, é seu silêncio sobre a educação teológica apesar de ele ser um aluno formado em seminário, pois, em seus textos para os jornais nunca se pronunciou contra ou a favor – quando outros suecos escreviam contra.⁴⁴

Teria Vingren silenciado para não ter problemas ou para não provocar algum mal-estar com a missão

42 FRESTON, *ibid.*, p. 78.

43 PETRUS, *ibid.*, p. 264.

44 ALENCAR, 2010, p. 57.

sueca, e fazendo assim, não ir de encontro ao pensamento de Pethrus sobre o assunto? Teria sido influenciado diretamente pelas ideias anti-intelectuais que nortearam o início do Movimento Pentecostal? Teria ele entendido que, no Brasil, deveria ser da prioridade na evangelização e na propagação da mensagem pentecostal? Talvez um dia tenhamos a resposta precisa para o silêncio de Vingren.

Uma análise crítica apresentada por Nañez, de estudiosos de fora e de dentro do Movimento Pentecostal, identifica alguns males que o posicionamento extremado, contrário e resistente a uma educação teológica formal causou, atingindo consequentemente as Assembleias de Deus no Brasil.⁴⁵ São eles:

- a. Falta de profundidade teológica;
- b. Tendência a elaborar doutrinas baseadas em experiências;
- c. Vulnerabilidade diante das ondas e dos modismos teológicos;
- d. Subjetividade na interpretação das Escrituras, resultando numa eisegese (o que eu quero que o texto diga, e não o que o texto de fato diz);
- e. Abuso no uso de alegorias e na espiritualização do texto na pregação e no ensino, em vez da aplicação do método hermenêutico histórico-gramatical;

45 NAÑEZ, *ibid.* p, 95-101.

- f. Disseminação da ideia de que espiritualidade e intelectualidade, Espírito e estudo, simplicidade de vida e profundidade teológica não se combinam.

AS ESCOLAS BÍBLICAS DE OBREIROS NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

Apesar da não implantação em seus primórdios dos institutos bíblicos, sempre houve nas Assembleias de Deus no Brasil uma preocupação com a formação bíblica e prática dos seus obreiros. A realização de escolas bíblicas foi a primeira e principal ação neste sentido nos quarenta anos iniciais da denominação.

O modelo de escolas bíblicas para obreiros e líderes adotado no Brasil é de origem sueca. Após dois anos de sua exclusão da União Batista Sueca, a Igreja Filadélfia de Estocolmo, liderada por Lewi Petrus, abriu a sua própria escola bíblica, em 19 de outubro de 1915, com 30 alunos. Após um período de três meses, o aluno passava a atuar no ministério de evangelista, podendo posteriormente chegar até ao ministério pastoral. Em 1932, a Escola Bíblica da Igreja de Estocolmo tinha 600 alunos e 150 evangelistas estavam atuando.⁴⁶ Teoria e prática sempre caminharam juntos nas escolas bíblicas.

Nas Assembleias de Deus no Brasil, a primeira Escola Bíblica foi realizada de 4 de março a 4 de abril

46 ARAUJO, *ibid.*, p. 282.

de 1922, em Belém do Pará, organizada pelo missionário Samuel Nyström, que fez o seguinte relato:

Ao terminar o meu primeiro período no campo missionário, senti a necessidade de os pastores nacionais poderem penetrar mais a fundo na Palavra de Deus, de modo a se tornarem mais capacitados tanto para admoestar segundo a sã doutrina como para corrigirem os que combatem. Muitos dizem não ser necessária a instrução dos homens, mas que podemos ser instruídos diretamente de Deus. Tudo isso é muito certo. Porém, Paulo diz a Timóteo, ao admoestá-lo sobre o que este aprendera: “Tu sabes de quem aprendestes”. E também o admoesta sobre como devia apresentar-se diante de Deus: “como obreiro aprovado, que maneja bem a palavra da verdade”. Em vista disso, o assunto foi levado à apreciação da igreja. Ficou resolvido o seguinte: as reuniões de estudos bíblicos seriam restritas aos missionários, tendo os obreiros nacionais do estado como assistentes convidados.⁴⁷

Essa primeira Escola Bíblica teve a participação de 30 obreiros, entre eles, algumas irmãs que ajudavam na obra. A importância do papel das mulheres na realização da obra de Deus, dentro dos parâmetros bíblicos, sempre foi reconhecida nas Assembleias de Deus no Brasil. Os temas abordados foram: A autoridade divina e histórica da Bíblia, as dispensações de Deus, o livro de Efésios e o de Apocalipse. A segunda Escola Bíblica foi realizada em março de 1924, tendo a participação do missionário Gunnar Vingren. A partir de então os encontros se tornaram anuais, com uma média de 30 a

⁴⁷ NELSON, 2008, p. 108-109.

50 participantes. De Belém do Pará, as Escolas Bíblicas passaram a ser realizadas em outras partes do país para os obreiros nacionais.⁴⁸ Em 1943, no Rio de Janeiro, as Escolas Bíblicas foram oficializadas pela Convenção Geral, onde após os debates, os pastores entenderam a necessidade de receberem melhor preparo bíblico e teológico. Quatro Escolas Bíblicas oficiais seriam realizadas: Pará, em outubro ou novembro; Recife, em tempo a combinar; Rio de Janeiro, em abril e maio; e no Rio Grande do Sul, no verão.⁴⁹

Como pode-se perceber, toda posição extremada, por algum benefício aparente e imediato que possa produzir, sempre promoverá também os seus males. O equilíbrio, a temperança e o fervor pensante serão sempre o melhor caminho a seguir.

48 Ibid., p. 109.

49 ARAUJO, *ibid.*, p. 282.



A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA FORMAL NA PERSPECTIVA DOS MISSIONÁRIOS NORTE- AMERICANOS NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

Felizmente, nem todos os que contribuíram com o Movimento Pentecostal e com o crescimento das Assembleias de Deus no Brasil, adotaram uma postura anti-intelectual e contrária à educação teológica formal.

Diante da perspectiva escandinava de formação de obreiros, a ideia da criação de institutos bíblicos para a educação teológica formal nas Assembleias de Deus só começou a ser discutida após a chegada dos primeiros missionários norte-americanos, entre os anos 1930 e 1940. Dentre eles, ganham destaque os nomes de John Peter Kolenda e de Lawrence Olson.

JOHN PETER KOLENDA (1898-1984)

J. P. Kolenda nasceu em Gelsenkirchen, Alemanha, em 20 de outubro de 1898. Com quatro anos de idade veio com os seus pais e irmãos para o Brasil,

onde morou nas cidades de Barão de Triunfo e Porto Alegre. Aos 11 anos mudou-se para o estado do Colorado, nos Estados Unidos, vindo a morar também em Michigan. Aos 16 anos teve a sua experiência de conversão, e aos 18, tendo contato com o Movimento Pentecostal, que crescia naquela região, foi batizado com o Espírito Santo. Posteriormente, aceitando a chamada divina para o ministério, matriculou-se num Instituto Bíblico em Pasadena, Califórnia, onde foi diplomado em 1921.

Após a conclusão de seus estudos teológicos J. P. Kolenda foi ordenado ao ministério pela Convenção das Assembleias de Deus do estado da Califórnia, em 11 de maio de 1922. Em Michigan, fundou igrejas nas cidades de Flint, Bay City, Saginaw e Lansing. Casou-se em 9 de dezembro de 1922 com a jovem Marguerite Westmark, que conheceu no instituto bíblico. Ao ser consultado por Noel Perkins, diretor do Departamento de Missões Estrangeiras das Assembleias de Deus norte-americanas, se estaria disposto a ir para o Brasil tratar de interesses da Missão das Assembleias de Deus americanas junto às Assembleias de Deus no Brasil, aceitou o convite, e chegou ao Rio de Janeiro em outubro de 1939.

O trabalho missionário de J. P. Kolenda foi desenvolvido no estado de Santa Catarina, onde grandes realizações foram feitas. Contribuiu também com seu o trabalho missionário em outros Estados, através do ministério da pregação e do ensino, e com a rees-

truturação do maquinário do parque gráfico da Casa Publicadora das Assembleias de Deus - CPAD. No que diz respeito ao estudo teológico nas Assembleias de Deus, implantou o ensino bíblico sistemático, organizando estudos bíblicos em todo o Brasil, projetou em 1944, junto com o missionário Lawrence Olson, a escola bíblica por correspondência, com sede em Lavras-MG. Aos 74 anos de idade fundou o Instituto Bíblico Bereano, uma escola teológica por extensão, para beneficiar os obreiros dos estados do Pará, Maranhão e Piauí. Em 1952, após 12 anos de liderança, entregou a direção do trabalho de Santa Catarina, e a convite Noel Parkins, mudou-se para a Alemanha, onde deu continuidade ao seu ministério, com a missão de ali reunificar a obra pentecostal.

J. P. Kolenda morreu em 19 de junho de 1984, aos 85 anos de idade, em Modesto, na Califórnia (EUA), onde viveu com a sua esposa após ser jubilado.⁵⁰

LAWRENCE OLSON (1910-1993)

O missionário norte-americano Lawrence Olson nasceu em 9 de fevereiro de 1910, em Kenosha, Wisconsin, Estados Unidos. Seus pais eram de origem sueca. Aos 11 anos de idade Olson confessou Jesus como o seu Senhor e Salvador. Aos 13 anos foi batizado em águas, e, aos 16 anos, durante um culto de oração, recebeu o batismo com o Espírito Santo. Seus

⁵⁰ Ibid., p. 413-415.

estudos teológicos foram feitos no *Central Bible College*, em Springfield, Missouri. Suas primeiras atividades evangelísticas foram realizadas nas cidades de Appleton e Portage. Em dezembro de 1932, casou-se com Alice Olson.

Em 7 de dezembro de 1938, chegou ao Brasil com a sua família. Passou um ano em Belo Horizonte, aprendendo o idioma, para em seguida mudar-se para Lavras. Viajando de trem, carro, bicicleta ou a pé, abriu trabalhos em diversas cidades. Desenvolveu programas de rádio e ajudou também na reorganização da CPAD. No campo literário foi tradutor, redator e escritor. Em 1961, fundou o Instituto Bíblico Pentecostal (IBP), no Rio de Janeiro.

Em 14 de março de 1989, depois de 50 anos dedicado ao trabalho no Brasil, e com 80 anos de idade, regressou com a sua esposa aos Estados Unidos. Morreu em 29 de março de 1993, em Springfield, Missouri, Estados Unidos.⁵¹

OS INSTITUTOS BÍBLICOS NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Os missionários norte-americanos, diferentemente dos escandinavos, optavam pela criação de institutos bíblicos, caracterizados pelo ensino formal das Escrituras, através de cursos de longa duração. Nos EUA, era comum o fato de um obreiro precisar se sub-

⁵¹ Ibid., p. 531-532.

meter, antes da sua ordenação, a um preparo médio de quatro anos em um instituto bíblico.

A partir da década de 1920, em apenas oito anos após a sua fundação, as Assembleias de Deus americanas estabeleceram, ao contrário da postura anti-intelectual presente nos primeiros anos do pentecostalismo norte-americano, diversas instituições de educação teológica, entre elas, o *Vanguard University* (1920) *Central Bible College* (1922), *Zion Bible College* (1924), *Southwestern Assemblies of God University* (1927).⁵²

Sobre o impasse entre a visão americana e a sueca em relação aos institutos bíblicos, escreveu Brenda:

A influência americana se faz sentir principalmente na área de educação teológica. Os suecos admitiam apenas o modelo de Pethrus, de escolas bíblicas de poucas semanas, sem diplomas. Acima de tudo, resistiam a ideia de vincular o pastorado com a formação teológica. A tentativa de um missionário americano de implantar um seminário em 1948 naufragou na resistência dos suecos e da maioria dos brasileiros.⁵³

As primeiras tentativas de iniciar um treinamento bíblico sistematizado para os ministros das Assembleias de Deus no Brasil e para os demais irmãos chamados à obra do Senhor, feitas por J. P. Kolenda e Lawrence Olson, não foram muito bem recebidas por causa da oposição que havia naquele tempo ao treinamento teológico formal.⁵⁴

52 GOMES, 2013, p. 103.

53 BRENDA, 194, p. 119 *apud* FRESTON, *ibid.*, p. 86.

54 BRENDA, *ibid.* p. 118.



A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO BRASIL ENTRE OS ANOS DE 1935 E 1980

Segue abaixo um resumo em ordem cronológica dos fatos que desencadearam a introdução e o desenvolvimento da educação teológica formal nas Assembleias de Deus no Brasil⁵⁵:

- **1935 (Convenção Geral em J. Pessoa-PB).** Foi decidido que a partir de 1936, haveria anualmente três grandes Escolas Bíblicas de Obreiros das Assembleias de Deus no Brasil, sendo uma no Norte, outra no Nordeste e outra no Sul (Sul-Sudeste). A decisão não foi levada adiante, voltando a ser discutida em 1937.

- **1937 (Convenção Geral em São Paulo-SP).** O missionário Gustav Bergström pediu a criação de uma Escola Bíblica anual, com duração mínima de dois meses, para todos os obreiros do Brasil e aspirantes ao ministério. Foi resolvido, diante do pedido, que a Assembleia de Deus no Rio de Janeiro, liderada por Nils Kastberg, realizaria essa primeira Escola Bíblica especial, que deveria durar um mês ou, no mínimo,

⁵⁵ DANIEL, 2004, p. 102-255.

15 dias. As igrejas custeariam as passagens e despesas dos alunos, que deveriam ser irmãos vocacionados e desejosos de aprender. A proposta foi aprovada por unanimidade.

- 1943 (4ª Semana Bíblica das Assembleias de Deus no Brasil em São Cristóvão-RJ). Surgem os primeiros debates convencionais sobre o ensino teológico formal nas Assembleias de Deus no Brasil, tendo como apresentador do assunto o pastor John Peter Kolenda. Na discussão sobre o assunto, o pastor Paulo Leivas Macalão falou da possibilidade de se criar uma escola bíblica noturna para obreiros, com aulas semanais fixas nos dias em que os obreiros tivessem as noites livres dos cultos principais. Um plano de estudos por correspondência foi também apresentado. O missionário norte-americano Lawrence Olson foi mais além, propondo que as Assembleias de Deus no Brasil abrissem institutos bíblicos, escolas teológicas e seminários pelo país. O pastor Paulo Leivas Macalão discordou da proposta do missionário Lawrence Olson, alegando que um investimento desse nível na formação teológica do obreiro poderia causar certa arrogância intelectual e esfriamento espiritual. Um meio termo foi sugerido pelo presidente da mesa, o pastor Samuel Nyström. O pastor John Peter Kolenda, diante do impasse, propôs que a sugestão do pastor Macalão fosse aprovada, e um curso teológico por correspondência fosse implementado, acompanhado de uma

lista de livros devidamente selecionados. Na resolução sobre o assunto, o referido curso seria feito por intermédio do jornal *Mensageiro da Paz*, de modo que o irmão Samuel Nyström ficaria responsável pelo curso e pelos cooperadores neste novo empreendimento.

- 1946 (Convenção Geral em Recife-PE). O pastor John Peter Kolenda defende a proposta feita pelo missionário Lawrence Olson na Semana Bíblica de 1946 sobre a abertura de Institutos Bíblicos das Assembleias de Deus no Brasil. O primeiro deveria ser erguido na zona central do Brasil. O pastor Samuel Nyström falou da possibilidade de estes espaços não serem propriamente formadores de obreiros, mas, que iniciassem os irmãos no desenvolvimento ministerial. O missionário Virgil Smith fez uma proposta pela qual, com base na grande necessidade de institutos bíblicos no Brasil, e pelo interesse demonstrado pelo assunto, a Convenção autorizasse o irmão Kolenda a solicitar ofertas nos Estados Unidos para esse projeto, e também a procurar um terreno ou prédio, de tal modo que a aquisição da propriedade contasse com a colaboração dos pastores da região. A proposta foi cuidadosamente considerada e aprovada por grande maioria dos votos.

- 1948 (Convenção Geral em Natal-RN). Os debates sobre a necessidade do ensino teológico formal e da criação de Institutos Bíblicos foi novamente levantado pelo pastor John Peter Kolenda. Leonard

Pettersen citou na ocasião Efésios 4.11-16, e resistindo à ideia do ensino teológico formal, aconselhou a não se afastar dos princípios bíblicos na preparação dos obreiros. John Peter Kolenda, na sequência, discordou da interpretação que Pettersen dera ao texto de Efésios citado, e reafirmou a necessidade de se fundar Institutos Bíblicos no Brasil. Do lado de Pettersen ficou o pastor Eugênio Pires, que afirmou termos uma Escola, a de Jesus, que não deveria ser orientada por determinada pessoa. O missionário Gustav Nordlund também foi contrário à proposta de Kolenda, alegando que tal iniciativa poderia comprometer o despertamento e afastar os obreiros dos princípios bíblicos. O pastor Francisco Pereira Lemos se uniu aos opositores, criticando o já existente curso por correspondência e alertando quanto ao perigo do formalismo, já presente em outras denominações. O irmão Kolenda retomou a palavra afirmando que, embora “o curso por correspondência não tenha aproveitado a alguns, não devemos fazer-lhe injustiça, pois a outros aproveitou”. O irmão Kolenda perguntou ainda que perigos haveria na criação de um Instituto Bíblico. Uma das respostas dadas partiu de Leonard Pettersen, explicando que se o Instituto fosse criado apartado da Igreja, isso quebraria princípios bíblicos. O pastor José Bezerra defendeu a posição de Kolenda, afirmando “não haver perigo em receber instruções, se o Instituto souber aproveitá-las”. Teixeira Rego foi outro

contrário à criação de Institutos Bíblicos, advertindo contra o formalismo, aconselhando a permanecer nos moldes antigos. Francisco Pereira reafirmou sua posição, acrescentando que considerava os Institutos Bíblicos uma fábrica de pregadores. O missionário Nels Nelson também falou, temendo que os Institutos promovessem o impedimento do despertamento. Uma posição conciliadora foi, mais uma vez, apresentada por Samuel Nyström, que entendendo a necessidade de um maior preparo teológico para os obreiros, sugeriu um melhor investimento nas Escolas Bíblicas de Obreiros regionais. Sobre esse episódio, na biografia de J. P. Kolenda, Brenda escreve:

Tio João se encontrava na Convenção Geral das Assembleias de Deus em Natal, Brasil. Infelizmente, ele era o único missionário norte-americano presente. Naquela ocasião sentiu muito a falta do irmão Lawrence Olson. Por outro lado, ali estavam nove missionários suecos. [...] Tio João propôs na Convenção que institutos bíblicos fossem iniciados, mas cada vez que se levantava e falava, havia nove discursos dos seus irmãos suecos, manifestando-se contra a iniciativa proposta. Citavam Yale, Harvard e Oberlin, que começaram com zelo e objetivo cristão, mas que acabaram adotando o modernismo.⁵⁶

- 1958 (Fundação do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus no Brasil - IBAD). A implantação de institutos bíblicos e teológicos vinculados às Assembleias de Deus no Brasil começou a ser concreti-

⁵⁶ BRENDA, *ibid.*, p. 119.

zada em 15 de outubro de 1958, com a fundação do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus no Brasil - IBAD, na cidade de Pindamonhangaba-SP, pelo casal de missionários americanos João Kolenda Lemos e sua esposa, Ruth Doris Lemos. João Kolenda Lemos (1922-2012), nasceu em Pelotas-RS, em 18 de dezembro de 1922. Seus pais foram o brasileiro Rodrigo Ribeiro Lemos e a alemã Marta Kolenda Lemos, que era irmã de J. P. Kolenda. Em 1946, aos 23 anos de idade, quando era um evangelista autorizado nas Assembleias de Deus em Santa Catarina, aproveitando uma oportunidade de estudos, partiu para os Estados Unidos, onde ingressou no *Central Bible College* (Faculdade Bíblica Central), em Springfield, Missouri, onde estudou por quatro anos na condição de interno. No último ano de seus estudos, conheceu Ruth Dorris Flifet (1925-2009), de Turlock, na costa oeste da Califórnia, quando pregava na igreja pastoreada pelo irmão da jovem.

Dorris nasceu em 10 de junho de 1925, em Barron, no Estado de Wisconsin, numa família descendente de noruegueses. Aos 16 anos a irmã Dorris sentiu a sua chamada missionária, pensando inicialmente que iria ao Japão. Aos 18 anos ingressou no instituto bíblico. Após o término dos estudos cooperou na igreja pastoreada por seu irmão, onde desenvolveu principalmente o trabalho com crianças, jovens e com música, pois tinha formação nesta área, e tocava piano forte.

João Kolenda e Dorris se casaram em 11 de junho de 1950. Pastorearam uma Assembleia de Deus de língua inglesa em Michigan, onde foram morar, até se mudarem para o Brasil, em 27 de junho de 1951, indo morar no Rio de Janeiro. Quando chegaram ao Brasil, o casal intentou implantar um instituto bíblico, mas não foi possível devido à grande resistência que ainda havia por parte das lideranças das Assembleias de Deus no Brasil. Abrir um instituto bíblico nesta época implicava ser excluído da denominação. O projeto do casal só começou a ser alcançado após conseguirem formar uma comissão com alguns pastores brasileiros simpatizantes da ideia de implantar a educação teológica formal, chamada de “Comissão de Instituto Bíblico”. No ano de 1958, com a ajuda do pastor João de Oliveira, o casal alugou uma casa em Pindamonhangaba, interior de São Paulo, onde moravam num lado, e no outro, em 1959, iniciaram o primeiro ano letivo da instituição, com oito alunos. Em 7 de março de 1960, o IBAD foi transferido para o atual endereço, na Rua São João Bosco, 1.114, onde funciona até os dias de hoje. Em 1996, João Kolenda passou a direção do IBAD para o seu filho, missionário Mark Jonathan Lemos, e sua esposa, Helba Galvão Lemos, permanecendo como presidente do Conselho Administrativo.⁵⁷

- 1961 (Fundação do Instituto Bíblico Pentecostal - IBP). Em 4 de dezembro de 1961, através da ini-

⁵⁷ ARAUJO, *ibid.* p. 421.

ciativa do missionário Lawrence Olson, foi fundado no Rio de Janeiro o Instituto Bíblico Pentecostal - IBP. As atividades do IBP se iniciaram com o Curso Bíblico Noturno Peniel, na Rua Carolina Machado, 88, em Cascadura, na cidade do Rio de Janeiro. A primeira turma teve 90 alunos. Em 1970, o IBP passou a funcionar num prédio próprio na Rua Licínio Cardoso, 436, em São Francisco Xavier, na mesma cidade onde iniciou as suas atividades. Entre os seus primeiros professores, além do casal Lawrence Olson e Alice Olson, estavam os pastores Gilberto Malafaia e Antonio Gilberto.

- 1966 (Fundação do Instituto Bíblico Esperança - IBE). O Instituto Bíblico Esperança - IBE é uma instituição de educação teológica do Centro Educacional e Social Missionário Nils Taranger - CESO, vinculado à Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Porto Alegre.

O IBE foi fundado em 1966 pelo missionário Nils Taranger (1916-2003), enviado ao Brasil pela Missão Sueca. Taranger nasceu na cidade de Dramim, Noruega, em 17 de abril de 1916. Tomou a decisão para Cristo com a idade de 14 anos. Um ano após a sua conversão foi batizado com o Espírito Santo. Em sua juventude, participou de um Seminário Bíblico na Inglaterra (1931-1932).

Em 18 de outubro de 1941, casou-se com Hjordis Mary Margot Christiansson, em Estocolmo. No dia 18 de novembro de 1946, após pastorear igrejas

na Suécia por 14 anos, Taranger desembarcou no Brasil, para trabalhar no Rio Grande do Sul, atendendo o convite feito pelo a ele por Gustav Nordlund, em 1938, quando visitou a igreja de Lindköping. Em 1955 assumiu a igreja de Porto Alegre, substituindo Gustav Nprdlund, para em outubro de 1998, aos 82 anos, passar o trabalho ao pastor João Ferreira Filho. Taranger morreu em 5 de janeiro de 2003, em Porto Alegre.⁵⁸

Os frutos colhidos através da formação teológica de Nils Taranger foram tão promissores, que desejou criar uma oportunidade semelhante aos jovens gaúchos. Nascia, então, o IBE. No início, o Instituto funcionava como uma escola de educação teológica de férias. Em seguida, dado o êxito da iniciativa, decidiu-se ampliar as propostas de ensino oferecidas, e o IBE passou a dispor de um curso teológico mais completo, com duração de três anos. Nessa época, os alunos poderiam cursar em regime de internato, tendo em vista a disposição de acomodação e alimentação para as turmas, que eram formadas tanto de estudantes brasileiros quanto de missionários vindos de outros países próximos.

Com o passar do tempo, o trabalho foi amadurecendo. A partir de meados dos anos 2000, os cursos em regime de internato deram lugar a uma iniciativa de maior abrangência, com a abertura de núcleos de estudos nas igrejas, tanto em Porto Alegre, quanto no interior do Rio Grande do Sul e em outros estados,

58 ARAUJO, *ibid.*, p. 839.

e mesmo em outros países. Tinha início a instituição dos cursos Básico, Médio e Avançado do Instituto, que hoje contam com cerca de 200 núcleos, organizados em igrejas, com trabalho voluntário de uma equipe de coordenadores, monitores e secretários locais e com centenas de estudantes que buscam aprofundar-se no conhecimento teológico.

Além dos cursos teológicos, o Instituto oferece uma gama de cursos de formação para obreiros, por extensão, de forma a capacitar trabalhadores para atuação em todas as áreas envolvidas na seara do Mestre. Tais iniciativas de cursos auxiliam o IBE a dar continuidade em sua missão original, cujo objetivo principal se expressa pela oferta de formação bíblica e teológica com ênfase em Teologia Pastoral, Teologia de Missões Urbanas e Mundiais e Teologia da Educação Cristã.

- 1973 (Reconhecimento oficial do IBAD). No dia 26 de janeiro de 1973, após oito reuniões realizadas entre 1971 e o ano em curso, por ocasião da Convenção Geral realizada na cidade de Natal-RN, a Comissão de Educação Religiosa da CGADB apresentou o seu relatório, reconhecendo oficialmente o Instituto Bíblico das Assembleias de Deus - IBAD.⁵⁹

- 1975 (Reconhecimento oficial do IBP). No dia 22 de janeiro de 1975, durante a Convenção Geral realizada em Santo André-SP, foi a vez do Instituto Bíblico Pentecostal - IBP, ser reconhecido oficialmente.⁶⁰

⁵⁹ DANIEL, *ibid.*, p. 428.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 439.

- 1979 (Criação da Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus no Brasil - EETAD). Em 22 de janeiro de 1979, durante a Convenção Geral em Porto Alegre-RS, a Comissão de Educação Religiosa da CGADB apresentou a proposta, que foi aprovada por unanimidade, sobre a criação da Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus no Brasil - EETAD, com sede em Campinas-SP.⁶¹ Tendo iniciado as suas atividades em 1979, a EETAD ofereceria formação bíblico-teológica, favorecendo os obreiros e leigos das regiões mais distantes dos grandes centros urbanos, que não tinham a oportunidade de frequentar cursos com aulas presenciais. Foi adotado um sistema de educação teológica por extensão. Em seu primeiro ano de atividades, a EETAD recebeu mais de 3.000 alunos, e absorveu outras duas escolas teológicas, fundadas também por missionários americanos no Brasil. Seu atual campus, com 52.000 m², tem alojamentos para 200 estudantes, 6 apartamentos para professores, 10 salas de aula, biblioteca com mais de 3 mil títulos, estúdio de mídias de instrução, ginásio poliesportivo com piscina aquecida e academia.

A EETAD foi fundada por Bernhard Johnson Jr. (1931-1995),⁶² missionário norte-americano, nascido em 20 de julho de 1931, na cidade de Alameda, Califórnia, Estados Unidos da América. No ano de 1940, veio ao Brasil com os seus pais, que iniciaram um tra-

61 Ibid., p. 463.

62 ARAUJO, *ibid.*, p. 403.

balho pioneiro no sul de Minas Gerais. Na década de 1950, enquanto cursava engenharia civil no Instituto Presbiteriano Gammon, em Lavras-MG, teve uma visão que reacendeu uma chamada para a obra de Deus que tivera na infância. Abrindo mão de seus projetos pessoais, partiu para os Estados Unidos, onde ingressou no *Central Bible College*, em Springfield, Missouri. Lá, em 1951, conheceu Doris Pearl Puckett, com quem veio a se casar, e com quem teve três filhos: Elizabeth Antonette, Terrence e David. Ainda nos Estados Unidos, foi líder de duas igrejas na Califórnia. Ao retornar ao Brasil, em 1957, enviado como missionário das Assembleias de Deus norte-americanas, desenvolveu diversas atividades, dentre as quais:

- a. Em 1957, pastoreou igrejas no sul de Minas Gerais, e ajudou a fundar a primeira Convenção Estadual das Assembleias de Deus daquele estado;
- b. Em 1964, recebendo uma chamada especial de Deus para o evangelismo em massa, fundou a “Cruzada Boas Novas”, que mais tarde passou a se chamar “Cruzada Bernhard Johnson”. Em 30 anos foram realizadas 225 cruzadas, com milhares de conversões a Cristo;
- c. Em 1972, trouxe para o Brasil, o ICI - Instituto por Correspondência Internacional;
- d. De 1974 até 1984 presidiu os missionários norte-americanos no Brasil;

- e. Em 1976, através de uma visão especial dada por Deus, deu início ao arrojado projeto da EETAD - Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus, com sede em Campinas, SP, o qual se consolidou em 1979, com o lançamento do Curso Básico de Teologia.

O pastor Bernhard Johnson Jr. faleceu em 16/02/1995, e deixou para o Brasil um grande legado em favor do Reino de Deus, tanto na área do evangelismo, como nas áreas do ensino teológico e da assistência social.

- 1980 (Criação da Escola Teológica das Assembleias de Deus no Brasil - ESTEADDEB). Em agosto de 1977, um grupo de pastores reuniram-se na Assembleia de Deus em Natal-RN, com a finalidade de tratar sobre a criação de uma “Escola Bíblica Permanente”. Estavam na reunião representantes dos estados do Rio Grande do Norte, Sergipe, Bahia, Alagoas, Paraíba, Pernambuco e São Paulo. Após três reuniões (1977, 1978 e 1980), o nome da escola ficou definido: Escola Teológica das Assembleias de Deus do Nordeste - ESTEADENE. Embora os cursos já funcionassem desde 1979, foi sugerida a ideia de cursos à distância. Em 1981, na AD em Belo Horizonte-MG, o nome foi mudado para Escola Teológica das Assembleias de Deus no Brasil - ESTEADDEB.⁶³

63 ARAUJO, *ibid.*, p. 284.

O objetivo da ESTEADEB era formar obreiros vocacionados através de uma educação teológica integral, com base na ortodoxia cristã, aceitos e praticados pelas Assembleias de Deus, cooperando com isso, na formação doutrinária dos membros dos diversos Ministérios de igrejas regionais. No final dos anos 90, as escolas filiais da ESTEADEB passaram a funcionar de formar autônoma.⁶⁴

Desde a sua criação, foi destaque a marcante atuação do missionário finlandês Lars-Eric Ole Bergstén (1913-1999), conhecido nacionalmente como Eurico Bergstén. Nascido em 13 de agosto de 1913, em Helsinque, capital da Finlândia, filho de luteranos, aos 17 anos de idade entregou sua vida a Cristo. Foi consagrado ao ministério em outubro de 1933, aos 20 anos, vindo a pastorear algumas igrejas no interior da Finlândia.

Em 2 de dezembro de 1936, casou-se com Ester Lindfors, e deste matrimônio nasceram cinco filhos: Nils Göran, Ulla, Gitta, Else e Ruy.

Eurico Bergstén faleceu no dia 6 de março de 1999, vítima de um edema pulmonar, aos 85 anos, dos quais 65 dedicou-se incansavelmente ao ministério.

⁶⁴ Ibid, p. 285.

CONCLUSÃO

A fundação dos institutos de educação teológica formal não foi iniciativa da liderança nacional das Assembleias de Deus. Seus fundadores, verdadeiros “heróis da resistência”, sofreram forte oposição da maioria dos missionários suecos e de vários obreiros nacionais.

Na sequência dos últimos fatos aqui narrados, a educação teológica formal nas Assembleias de Deus no Brasil, mesmo enfrentando focos de resistência, avançou através de outras grandes iniciativas e ações por parte daqueles que entenderam o seu valor, e que perceberam a grande contribuição que poderia dar ao pentecostalismo clássico assembleiano.

O desenvolvimento da educação teológica formal nas Assembleias de Deus no Brasil pode ser classificado em cinco fases:

- Omissão (1911 a 1943): da fundação das Assembleias de Deus no Brasil ao início dos debates sobre a educação teológica formal);
- Rejeição (1943 a 1958): do início dos debates sobre a educação teológica formal à fundação do Instituto Bíblicos da Assembleia de Deus – IBAD);
- Implantação (1958 a 1979): da fundação do Instituto Bíblico da Assembleia de Deus – IBAD à aprovação por proposta da Comissão

de Educação e Cultura da criação da Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus – EETAD;

- Consolidação (1979 a 2003): da aprovação por proposta da Comissão de Educação e Cultura da criação da Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus – EETAD à fundação da Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnia da CGADB – FAECAD, com cursos reconhecidos pelo Ministério da Educação – MEC;
- Expansão (2003 em diante): da fundação da Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnia da CGADB – FAECAD aos dias atuais.

No sentido de colaborar com uma educação teológica de qualidade, desprovida de meros interesses comerciais, e comprometida com a ortodoxia bíblica, a CGADB, através do seu Conselho de Educação e Cultura, trabalha credenciando as instituições que atendem as exigências estruturais, curriculares e acadêmicas prescritas pelo mesmo. Atualmente, praticamente todas as sedes estaduais das Assembleias de Deus no Brasil oferecem o seu próprio curso teológico.

No ano de 2017, as Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) elaboraram a sua Declaração de Fé. Sem dúvida alguma, o Documento contribuirá para o fortalecimento das doutrinas centrais da fé cristã, e para

uma maior unidade denominacional no que se refere às doutrinas periféricas. Compreendo que a elaboração da Declaração de Fé é resultado direto da mudança de paradigma e da postura da liderança nacional assembleiana em relação à educação teológica formal.

A educação teológica formal nas Assembleias de Deus no Brasil segue resistindo às temidas e antigas ideias e projeções pessimistas de um possível e consequencial esfriamento espiritual na denominação, de as escolas teológicas se tornarem “fábrica de pastores”, de um academicismo infrutífero, do intelectualismo arrogante e de outros males semelhantes. Ela tem contribuído para a formação e o preparo continuado de líderes e obreiros, e para o crescimento espiritual de crentes pensantes, que, através da produção literária, da pregação, do ensino e dos diversos dons e ministérios de serviço, cooperam com o crescimento e a edificação da Igreja, mediante a prática de um pentecostalismo genuinamente bíblico.

Alguns dos grandes desafios para a presente e para as próximas gerações nas Assembleias de Deus no Brasil é o contínuo combate ao pensamento e ensino teológico liberal, e ao de outras linhas doutrinárias e teológicas, que tentam insistentemente e incansavelmente se infiltrar, relativizar, minar e destruir os fundamentos das nossas convicções bíblicas e ortodoxas, através dos púlpitos e das instituições de educação teológica da própria denominação.

Que o temor ao Senhor e a fidelidade à Sua Palavra, continuem norteados as decisões e os rumos da educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil, fundamentada no poder do Espírito, centrada em Cristo e para a glória de Deus Pai.



O MINISTÉRIO DE MESTRE OU DOUTOR E A SUA RELEVÂNCIA PARA A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA

A necessidade de mestres ou doutores é uma realidade presente entre o povo de Deus desde o Antigo Testamento, passando pelo Novo Testamento, em toda história da Igreja e ainda nos dias atuais.

Uma educação teológica de qualidade necessita de mestres ou doutores piedosos, cheios do Espírito Santo e zelosos da sã doutrina, para que assim ensinem e promovam com excelência a ortodoxia bíblica, cooperando na formação de líderes e obreiros e no aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério.

O MINISTÉRIO DE ENSINO DOS SACERDOTES E LEVITAS

A figura dos agentes especialmente destinados para a tarefa de ensinar surge com a instituição do sacerdócio. Arão e seus filhos, além das responsabilidades de administrar o serviço no tabernáculo, foram incumbidos também da tarefa de ensinar aos filhos de

Israel os estatutos que o Senhor tinha transmitido por intermédio de Moisés (Lv 10.8-11; Dt 31.9, 26). Dessa forma a *Torah* (Livro da Instrução) com os relatos feitos acerca de Deus e da sua obra, as narrativas históricas sobre a vida e realizações dos patriarcas e a Lei do Senhor com seus preceitos sociais, morais, legais e espirituais era ensinada a todo o povo.

O termo hebraico para “ensinar” no texto de Levítico 10.11 é *horoth*, que significa basicamente “lançar” ou “atirar”, como no caso de uma flecha. No caso dos mestres da Palavra, o termo ganha o sentido de instruir, informar e ensinar com um alvo ou objetivo específico. Na bênção de Moisés sobre Levi, o desempenho da tarefa de mestres está presente: “Ensinaaram os teus juízos a Jacó e a tua lei a Israel” (Dt 33.8-10).

O ensino dos sacerdotes por mero interesse pessoal ou financeiro é censurado (Mq 3.11). Na medida em que os sacerdotes negligenciavam a busca pelo conhecimento de Deus e a sua lei, o povo era também afetado. Tais sacerdotes eram, dessa forma, rejeitados por Deus em razão de não cumprirem suas atividades de mestres (Os 4.6).

No período dos reis, a atividade de ensino dos sacerdotes ainda continuava em evidência, como pode ser testemunhado através o pedido do rei da Assíria durante o cativeiro do Reino do Norte, no processo de renovação da população de Samaria (2 Rs 17.24-27). O cativeiro deu-se em razão da desobediência e obstinação de Israel

em rebelar-se contra os ensinamentos dos mandamentos e estatutos prescritos na Lei (2 Rs 17.7-14).

Ao lado dos sacerdotes, os levitas também desempenharam a função de mestres da Lei (Ed 8.7-9). Durante o terceiro ano do reinado de Josafá, ele enviou os seus príncipes para ensinarem nas cidades de Judá, e com eles alguns levitas e sacerdotes, que percorriam todas as cidades levando consigo o Livro da Lei do Senhor (2 Cr 17.7-9). Nos dias do rei Josias, após o Livro da Lei do Senhor ser achado na Casa do Senhor, os levitas serviam ensinando todo o Israel (2 Cr 35.3). Percebemos, com isso, que é um grande equívoco limitar as atividades dos levitas ao ato de cantar louvores a Deus. O texto ainda nos revela o fato de que os mestres levitas eram consagrados ao Senhor, ou seja, eram separados exclusivamente para aquela atividade e a executavam com temor e em santidade.

Tais fatos revelam ainda a importância dos mestres ou doutores da Palavra em períodos de grandes avivamentos ou despertamentos espirituais, uma vez que tais períodos são sempre precedidos pelo ensino ortodoxo das Sagradas Escrituras.

Posteriormente, os profetas assumem também a tarefa de mestres entre o povo. Havia nos dias de Samuel uma congregação de profetas (1 Sm 19.20). Os discípulos ou filhos dos profetas consideravam os seus mestres como pais, e assim os chamavam (2 Rs 2.7, 12; 6.1). Existem diversos entendimentos em

relação ao modo de ensino e ao conteúdo que era ensinado pelos profetas. R. de Vaux, por exemplo, afirma que diferentemente dos sacerdotes, que eram depositários e intérpretes da Lei, os profetas recebiam circunstancialmente o conteúdo de sua mensagem e ensino por intermédio direto da inspiração divina.⁶⁵ Na nota de rodapé da Bíblia de Estudo Pentecostal, lê-se sobre o texto de 1 Samuel 19.20:

Samuel fundara uma “escola de profetas”. Um grupo de profetas é também mencionado nos tempos de Elias e Eliseu (cf. 1 Rs 20.35; 2 Rs 6.1-7). Eram escolas organizadas a fim de despertar, nos que tinham dons proféticos, o cultivo de uma vida de retidão e consagração por meio da preparação espiritual, para que pelo seu ministério fosse refreada a apostasia e promovida a justa obediência à Palavra de Deus. Nota-se, especialmente, a grande importância que essas escolas davam ao Espírito Santo (cf. 10.5,6).⁶⁶

Após o Exílio, a atividade de mestre da Lei deixa de ser definitivamente monopólio dos sacerdotes. O ensino se dá fora do culto, nas sinagogas, onde os escribas e doutores da Lei se sobrepõem à casta sacerdotal. Esdras ganha destaque inicialmente nesta função, pois subindo da Babilônia, sendo hábil na lei de Moisés, dada pelo Senhor Deus de Israel, ensinava em Israel os seus estatutos e as suas ordenanças (Ed 7.6, 10; Ne 8.9). Como um mestre das Escrituras comprometido com a excelência do ensino, Esdras dispôs

65 VAUX, 2003, p. 393.

66 *Bíblia de Estudo Pentecostal*, 1995, p. 461.

o coração para ler, entender, interpretar e expor a Palavra, mas antes disso, preocupou-se em cumprir os mandamentos do Senhor. O bom exemplo de um mestre lhe dá autoridade para a prática do ensino.

OS ESCRIBAS, MESTRES E DOUTORES DA LEI

Nos dias de Jesus, a atividade, influência e respeitabilidade dos escribas é bastante evidente. Os escribas eram honrosamente chamados de *rabbi*, inicialmente um título honorífico, tal como recebido pelo próprio Jesus (Mt 23.7-8; Jo 1.38; 3.2), chamado também de *raboni* (Jo 20.16). Todo o poder de um escriba era proveniente do seu saber. Posteriormente, com a evolução da função, quem desejava desempenhar a atividade de escriba precisa submeter-se a um processo regular de formação. O aluno (ou discípulo) convivia pessoalmente com o seu mestre, ouvindo os seus ensinamentos. Após dominar toda a matéria tradicional e os métodos da época de resolução das questões religiosas e cerimoniais, tornava-se um “doutor não ordenado”. Somente quando atingia a idade de 40 anos é que podia, mediante a ordenação, ser recebido na corporação dos doutores, na condição de membro legítimo, “doutor ordenado” (hb. *hakan*). Dessa forma, estava autorizado a desempenhar plenamente suas atividades docentes e jurídicas.

JESUS, O MESTRE DOS MESTRES

Jesus, dentre todas as atividades que desempenhou, ganha destaque na de mestre, inclusive exercendo-a nas sinagogas (Lc 4.15, 16, 31-33, 44). Ele é claramente reconhecido e chamado de mestre (gr. *didáskalos*), conforme a narrativa dos quatro evangelhos (Mt 9.11; 12.38; 17.24; 19.16; 22.16, 24; Mc 4.38; 5.35; 9.5; 10.17; 11.21; 12.14; 13.1; Lc 5.5; 8.24; 9.33; 10.25; 12.13; 17.13; 20.28; 22.11; Jo 1.38, 49; 3.2; 4.31; 8.4; 9.2; 13.13, 14; 20.16).

Ele foi, e continua sendo, o Mestre dos mestres. Todos os fundamentos para o progresso e excelência na tarefa de um mestre da Palavra encontramos na prática docente de Jesus. Sua dependência do Espírito, sua graça ao ensinar, seu tempo dedicado a oração, sua profundidade de conhecimento associada a sua simplicidade de linguagem, seu amor e compaixão por seus ouvintes, sua paciência, sua intimidade com o Pai, seus métodos, tudo isso ele nos deixou como exemplo a seguir.

Enquanto desempenhava sua atividade de mestre, Jesus preparava os seus sucessores na arte de ensinar. Seria também através do ensino que a Igreja avançaria em sua tarefa de fazer discípulos e de anunciar as boas novas de salvação. É esta a ênfase que se encontra em Mateus 28.19-20:

Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensi-

nando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém!

OS MESTRES OU DOUTORES NA IGREJA

A atividade de mestres e doutores é algo bem presente na Igreja Apostólica. Em Atos 6.4 encontramos os apóstolos dedicando-se ao “ministério da palavra”. Barnabé e Saulo ensinaram por um ano uma numerosa multidão na igreja de Antioquia, onde foram contados entre os doutores (At 11.19-26; 13.1). O próprio Paulo tem plena consciência de sua vocação para o ensino, na condição de mestre (1 Tm 2.7; 2 Tm 1.11). Em Éfeso ele nunca deixou de anunciar e ensinar de forma pública e privada o que lhe era proveitoso (At 20.20).

Em seus ensinamentos, Paulo deixa claro que os “mestres” são dados por Deus à Igreja, visando ao aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério, e a edificação do corpo de Cristo, contribuindo dessa maneira para um nível de maturidade espiritual capaz de se manter firme diante dos ventos (ou modismos) doutrinários, das heresias propagadas pela astúcia de homens que conduzem ao erro (Ef 4.11-14).

Os que recebem o dom de ensinar precisam dedicar-se e esmerar-se no fazê-lo (Rm 12.7). Nem todos são chamados para serem mestres ou doutores (1 Co 12.28-29). Um obreiro chamado para pastorear o rebanho do Senhor precisa estar apto para ensinar (1 Tm 3.2).

O exercício do ministério pastoral implica alimentar as ovelhas, e as ovelhas somente serão de fato alimentadas se comerem dos pastos verdejantes do ensino genuinamente bíblico (Sl 23.2). Escrevendo ao jovem pastor Timóteo, Paulo ressalta a necessidade de apresentar-se aprovado diante de Deus, como obreiro que maneja bem a palavra da verdade. Isso implica a responsabilidade ética e ministerial da interpretação e exposição correta das Escrituras, que é útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e educação na justiça, com o objetivo de que o homem de Deus amadureça e se habilite para toda a boa obra (2 Tm 2.15; 3.16-17).

Os líderes que governam bem, principalmente os que ensinam, são dignos de duplicada honra e de sustento digno (1 Tm 5.17-18). Contudo, o ministério de mestre ou doutor não deve ser comercializado, tornar-se fonte de lucro, profissionalizar-se, pois assim perderia a sua essência e real propósito (2 Co 2.17; 1 Tm 6.3-5; 1 Pe 5.2).

Com Paulo aprendemos que um mestre ou doutor é alguém que necessita e ama a prática da leitura de bons livros (2 Tm 4.13). Como escrevi em *O Líder Cristão e o Hábito de Leitura*, o ato de ler contribui para o desenvolvimento da criticidade, o enriquecimento do vocabulário e da linguagem, a apropriação dos bens culturais, o desenvolvimento do intelecto, o cultivo de estilo, a aquisição de informações e a comu-

nhão com as grandes mentes. Paulo não negligenciou a importância da leitura em seu ministério, pedindo a Timóteo os pergaminhos e os livros, mesmo em condições adversas, quando se encontrava preso. É preciso estar disposto a superar todos os obstáculos contrários ao hábito de leitura, tal como o desinteresse, a má administração do tempo, a fadiga, o analfabetismo funcional e outros. Outras dicas que contribuem para o aumento da leitura e do conhecimento necessário aos mestres ou doutores é ter sempre um livro à disposição para ler em horas vagas, nas filas, enquanto espera atendimentos e outras ocasiões, reduzir o tempo de Internet, estabelecer metas de leitura e definir necessidades e prioridades de conhecimento.

Um mestre ou doutor da Palavra discorre sobre verdades profundas, mas com linguagem simples e acessível aos seus alunos e ouvintes (1 Co 2.1). Profundidade bíblica não se demonstra com linguagem complexa, com arrogância intelectual ou demonstração pedante de erudição. O ensino precisa ser compreendido pelos alunos, e o nível do vocabulário dos alunos deve ser considerado pelo mestre. Sempre que um termo não muito comum for usado, se faz necessário explicar o que significa, pois isso enriquecerá o vocabulário do ouvinte.

Um mestre ou doutor na Palavra deve ensinar no poder do Espírito (1 Co 2.4-5). O ensino bíblico sem poder é algo desagradável de se ouvir. É comida sem tem-

pero, flor sem perfume, saber sem poder. O próprio Jesus, na condição de mestre, foi guiado, cheio e ungido pelo Espírito com poder (Lc 3.22; 4.1; 14, 18; At 10.38).

Um mestre ou doutor na Palavra não se gloria nos conhecimentos adquiridos, nem em sua capacidade de comunicá-los (1 Co 10.31; Gl 6.14). A nossa capacidade vem de Deus (2 Co 3.5). As habilidades cognitivas, a facilidade de memorizar e interpretar textos, de resolver problemas, de compreender a verdade bíblica, de aprender um novo idioma, de comunicar os conhecimentos adquiridos, tudo é fruto da graça de Deus.

Na Bíblia de Estudo Pentecostal se encontra a seguinte definição para “mestres”:

Os mestres são aqueles que têm de Deus um dom especial para esclarecer, expor e proclamar a Palavra de Deus, a fim de edificar o corpo de Cristo. [...] A igreja que rejeita, ou se descuida do ensino dos mestres e teólogos consagrados e fiéis à revelação bíblica, não se preocupará pela autenticidade e qualidade da mensagem bíblica nem pela interpretação correta dos ensinamentos bíblicos. A igreja onde os mestres e teólogos estão calados não terá firmeza na verdade. Tal igreja aceitará inovações doutrinárias sem objeção; e nela, as práticas religiosas e ideias humanas serão de fato o guia que tange à doutrina, padrões e práticas dessa igreja, quando deveria ser a verdade bíblica”.⁶⁷

O texto acima faz a associação entre mestres e teólogos com bastante propriedade, pois um mestre é

⁶⁷ Ibid., p. 1816.

um profundo conhecedor das Sagradas Escrituras, e um contínuo estudante das verdades bíblicas.

Conforme Urbano Zilles, da perspectiva histórica, a atual titulação de Doutor é de origem eclesial. O termo deriva do verbo *docere* (ensinar). Nos dias de hoje é um grau escolar ou acadêmico obtido mediante provas públicas ou atribuído por uma universidade a pessoa de reconhecido mérito científico ou público (doutor *honoris causa*). Com a fundação das universidades, no início do século XII, os licenciados (mestres), que já integravam o corpo docente, adquiriam a *venia regendi* como símbolo da mais alta função de docência. O título foi reservado, num primeiro momento, aos canonistas e decretistas, que protestavam contra o seu uso pelos mestres de outras Escolas. No século XV o seu emprego foi generalizado pelos mestres em Artes, em Teologia e em Medicina.⁶⁸

Um mestre ou doutor da Palavra vocacionado por Deus, não é simplesmente possuidor desse título por méritos acadêmicos, embora a academia possa contribuir muito para o desenvolvimento deste dom, através do ensino-aprendizagem das línguas originais, dos princípios que norteiam a interpretação e exposição bíblica, da teologia bíblica, histórica, sistemática e prática, além de outras disciplinas e saberes.

As escolas e centros de educação teológica não formam mestres no sentido bíblico e carismático da função, pois se trata de um dom do Espírito, mas

68 ZILLES, 2011, p. 172.

cooperam com a qualificação e capacitação bíblica e doutrinária dos vocacionados, por possuírem as mais adequadas instalações, organização curricular, corpo docente, estrutura e direção devidamente voltados para atender as necessidades do ensino teológico em alto nível.

Para isso, é necessário que aquele que percebe sua vocação para o ministério de mestre ou doutor conheça as reais condições e qualidades das referidas instituições, assim como o comprometimento delas com a ortodoxia bíblica e cristã, e com a Declaração de Fé denominacional.

Um mestre ou doutor da Palavra precisa sentar para aprender, para só depois se levantar para ensinar. Precisa saber as sagradas letras (2 Tm 15), e aprendê-las, sabendo de quem as aprendeu (2 Tm 2.14).

Um mestre ou doutor na Palavra é de fato um teólogo, somente na medida em que não apenas reproduz doutrina, mas questiona, investiga, examina e suscita reflexões doutrinárias, produzindo conhecimento através de pesquisas e publicações bem fundamentadas (Lc 1.1-4; At 1.1-3). O mestre ou doutor na Palavra, dessa forma, cumpre o seu ministério enquanto ensina por meio da fala e da escrita (livros, artigos, etc.). A produção literária é um excelente meio de proporcionar à presente e futuras gerações a produção intelectual dos mestres ou doutores.

Um mestre ou doutor da Palavra receberá um julgamento mais rígido por isso (Tg 3.1). Grandes responsabilidades e privilégios implicam maior cobrança.

Em tempos de busca por status ministerial, por notoriedade e reconhecimento, visibilidade e fama, os verdadeiros mestres e doutores da Palavra devem permanecer simples e humildes. Que os nossos espaços de educação teológica sejam cada vez mais plenos de mestres ou doutores que em tudo busquem a glória de Deus.



A DIGNIDADE DA VOCAÇÃO MINISTERIAL E A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA

Definir termos é tarefa primordial no caminhar em direção ao entendimento da dignidade da vocação ministerial e a sua relação com a educação teológica. Uma compreensão bíblica de ministério deve conduzir a uma prática correta do ministério cristão, compatível com a honra e o privilégio pertinentes.

A DEFINIÇÃO TEOLÓGICA DE VOCAÇÃO

O termo “vocação” no contexto do Novo Testamento, tem origem no verbo *kaleo* (καλεω), no substantivo *klêsis* (κλησις) e no adjetivo *kletós* (κλητος).

O verbo *kaleo* significa chamar, nomear, convocar: “Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação (κλησεως) a que fostes chamados (εκληθητε)” (Ef 4.1). Envolve a convocação para alguma função ou cargo (Gl 1.15; Hb 5.4).

O substantivo *klêsis* significa vocação, chamado, convite: “Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação (κλησιν)” (1 Co 1.26).

O adjetivo *kletós* significa chamado, convocado: “[...] de cujo número sois também vós, chamados (κλητοι) para serdes de Jesus Cristo” (Rm 1.6).

Lens César cita algumas definições para “vocação”, compreendendo-a como o ofício na igreja decorrente da chamada de Deus, pelo Espírito Santo, mediante o testemunho interno de uma boa consciência e a aprovação do povo de Deus por intermédio de um concílio ou reunião própria para isto. Esta definição especifica o caráter confessional ou denominacional da vocação. No sentido mais amplo, citando Ribeiro, vocação seria o chamado de Deus ao homem para que ele, primeiramente, se torne parte do corpo de Cristo, que é a igreja, e, em segundo lugar, para que o sirva em todas as suas relações com o próximo. A vocação seria, ainda, “o chamado que Deus dirige ao homem a quem Ele escolheu para si e que destina a uma obra especial no seu plano de salvação e no destino do seu povo, não só nas suas condições exteriores, mas até no coração, fazendo dele um outro homem”.

Sobre o papel da Igreja na vocação, ela acompanha a conversão, o envolvimento com o trabalho, a dedicação, a submissão aos líderes do candidato às funções ministeriais, aprovando ou reprovando a sua indicação, reconhecendo ou não a sua vocação para o ministério (At 1.15-26; 6.1-6; 1 Tm 3.1-13; Tt 1.5-9). Trata-se dos aspectos observáveis da vocação.

A DEFINIÇÃO TEOLÓGICA DE MINISTÉRIO

O termo “ministério” é derivado de diversas palavras gregas. São elas:

Diakoneo (διακόνεω): Significa “servir à mesa” (Mt 8.15; Mc 1.31; Lc 4.39; 10.40; 17.8; Jo 12.2; At 6.2), “cuidar de” (Mt 4.11; 25.44; 27.55; Mc 15.41; Lc 8.3; 2 Tm 1.18; Hb 6.10; 1 Pe 4.10-11). Envolve ainda o ato de enviar ofertas (Rm 15.24; 2 Co 8.19), a proclamação do evangelho (2 Co 3.3; 1 Pe 1.12), a entrega de si mesmo em prol dos outros (Mt 20.28; Mc 10.45; Lc 18.26-27) e o trabalho dos diáconos (1 Tm 3.10, 13). *Diakonia* significa “serviço à mesa”, e tem por base o amor (1 Co 16.15; Ap 2.19).

Diakonoí (διάκονοι): Possui como significado “aquele que serve à mesa” (Mt 22.13; Jo 2.5, 9), um “servo” (Mt 20.26; 23.11; Mc 10.43; Lc 18.26), um ajudante (Ef 6.21; Cl 4.7). Nos escritos paulinos o termo ganha um sentido mais específico no contexto do cristianismo, e aparece nas expressões “ministro” da nova aliança (2 Co 3.6), “ministro” da justiça (2 Co 11.15), “ministro” de Cristo (2 Co 11.23; Cl 1.7; 1 Tm 1.23), “ministro” de Deus (2 Co 6.4), “ministro” do evangelho (Ef 3.7; Cl 1.23; 1 Co 3.5), “ministro” da igreja (Cl 1.25). Em Filipenses 1.1 e 1 Timóteo 3.8-13, *diakonos* é usado para aquele que detém o cargo de diácono na igreja, e o título é aplicado a uma mulher, Febe, em Romanos 16.1. Lucas, embora utilize *diakoneo* e *diakonia* em At 6.1-6, evita *diaconoí*. Paulo chama de diáconos

os seus fiéis companheiros na realização da obra de Deus (Ef 6.21; Cl 1.7; 4.7; 1 Ts 3.2). *Synergoi* (συνεργοι), “cooperadores” é também usado frequentemente por Paulo (Rm 16.3, 9, 21; 2 Co 8.23; Fp 2.25; 4.3; Cl 4.11) e transmite a ideia de “trabalho em conjunto”, ou, ainda, de várias forças unidas no mesmo propósito.

Hyperetes (ὑπηρέτης): Um “ministro da palavra” (Lc 1.2), “ministro de Cristo (At 26.16; 1 Co 4.1). Originalmente a palavra significava um “remador” e, daí, um “servo”, “ajudante”, “criado”. D. A. Carson discorda de R. C. Trench, A. T. Robertson, J. B. Hofmann, Leon Morris e William Barclay, classificando de falácia vocabular a ideia de *hyperetes* significar um “remador do banco ou partes mais baixas”.

Latreuo (λατρεῖω): Significa “servir”, é utilizado na LXX (Êx 4.23; 8.1,20; Dt 4.19; 10.12-13; Js 22.27), e no Novo Testamento (Mt 4.10; Lc 1.74; 2.37; At 24.14; 26.6-7; Hb 8.5; 9.9; 10.2; 13.10). O termo é derivado de *latron*, “salário”, mas posteriormente ganhou uso em rituais de honra aos deuses. No contexto da fé judaica e cristã, implica adorar ao único Deus verdadeiro. Dessa forma, o exercício do ministério deve ser considerado um ato de serviço ou adoração a Deus, o que aproxima muito de *leitourgeo* (λειτούργεω), palavra usada quase que exclusivamente para o serviço de sacerdotes e levitas no templo (Êx 28-39; Ez 40-46; Lc 1.23), para o serviço sumo-sacerdotal de Cristo (Hb 8.2, 6, 10.11) e para o ministério apostólico de Paulo (Fp 2.17) junto aos gentios (Rm 15.16).

No Novo Testamento, de maneira geral, ministério é o serviço realizado por um salvo em Cristo Jesus. Aqui estamos enfatizando a sua relação com as funções de liderança na Igreja.

OS FUNDAMENTOS BÍBLICOS E TEOLÓGICOS DA VOCAÇÃO MINISTERIAL

Os fundamentos bíblicos e teológicos que norteiam a relação de *kaleo* (καλεω) com o exercício do ministério se encontram já no Antigo Testamento. Conforme Coenen e Brow, se relaciona com a chamada, da parte de pessoas de posição, dirigida aos indivíduos ou grupos, e.g. pais chamando aos filhos (Gn 24.58), soberanos aos súditos (Êx 1.18; Jz 12.1), e Moisés aos anciãos (Êx 12.21; 19.7). Esta chamada sempre era uma ordem, nunca um mero convite (Jó 13.22). Se espera que os homens ouçam e respondam. Não se trata de uma compulsão despótica. Os homens podem recusar-se a obedecer à chamada de Deus (Is 65.12; Jr 13.10); podem se recusar a escutá-la (Is 50.2; Jr 7.13) ou procurar evitá-la (Êx 3.11; 4.1, 10, 13; Jr 1.6).

A chamada de Deus implica:

a) A necessidade de discernir a voz de Deus (1 Sm 3.4-10): Antes de poder responder, é necessário reconhecer que de fato é Deus quem chama. Samuel teve dificuldades de discernir a voz de Deus, mesmo estando no santuário. Tal necessidade se relaciona com os aspectos subjetivos da vocação ministerial.

b) A necessidade de resistir às pressões contrárias (Êx 3.4; 5.2; 2 Rs 1.3, 9; Jr 1.5, 17-19; 11.18-19): A chamada provocará reações naqueles que serão confrontados através do ministério do chamado, através de sua mensagem e ações. Por estarem debaixo da soberana vocação, os detentores do poder temporal e secular (e até religioso) poderão se levantar contra o vocacionado para a obra do ministério. É necessário que em tais condições a direção, a provisão e a proteção de Deus sejam buscadas plenamente.

c) A necessidade de sofrer por amor a Deus (Jr 20.14-18): O exercício ministerial implica sofrimentos intensos e contínuos, podendo levar o servo de Deus a experimentar altos níveis de estresse.

A vocação ministerial é um ato da soberania, misericórdia e graça de Deus:

“Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei, e te constituí profeta às nações.” (Jr 1.5)

“Depois, subiu ao monte e chamou os que ele mesmo quis, e vieram para junto dele.” (Mc 3.13)

“Mas o Senhor lhe disse: Vai, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel;” (At 9.15)

“E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado.” (At 13.2)

“Paulo, chamado pela vontade de Deus para ser apóstolo de Jesus Cristo, e o irmão Sóstenes,” (1 Co 1.1)

“Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça,” (Gl 1.15)

“E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres,” (Ef 4.11)

“Mas, por esta mesma razão, me foi concedida misericórdia, para que, em mim, o principal, evidenciasse Jesus Cristo a sua completa longanimidade, e servisse eu de modelo a quantos hão de crer nele para a vida eterna.” (1 Tm 1.16)

“Ninguém, pois, toma esta honra para si mesmo, senão quando chamado por Deus, como aconteceu com Arão.” (Hb 5.4)

Na vocação ministerial temos as especificidades, o nível de abrangência e de alcance em relação ao serviço (ministério) que executaremos (Lc 1.13-17; 31-33).

A DIGNIDADE DA VOCAÇÃO MINISTERIAL E A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA

A honra da vocação ministerial manifesta no serviço, no ofício ou cargo, implica a postura, atitude e vida honrosa dos que se percebem vocacionados. Em 1 Timóteo 3.1-7, apesar da necessidade que havia na Igreja em face às perseguições, os valores espirituais,

morais e éticos e sociais dos candidatos ao episcopado não foram relativizados. O candidato ao episcopado, com base em 1 Tm 3.1-7, deve:

a) Ser irrepreensível: Aqui não significa ser imune a erros, antes, se relaciona com uma conduta (reputação) que possa ser considerada desejável. A vida do obreiro precisa endossar e dar credibilidade à sua mensagem. Infelizmente vivemos uma crise de integridade de caráter fora e dentro da Igreja. Os escândalos financeiros e sexuais se multiplicam. Um obreiro vocacionado para o ministério pastoral, do ensino e da pregação, precisa ser vigilante. Satanás fará de tudo para tentar frustrar ou impedir o plano de Deus em nossas vidas. É preciso sujeitar-se a Deus e resistir ao diabo que ele fugirá de nós (Tg 4.7). A concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, que militam contra nós na arena do próprio ser, precisam ser também vencidas mediante à obediência a vontade do Pai (1 Jo 2.16-17). A integridade de caráter cristão nos recomenda ao ministério. Sua falta ou comprometimento nos reprova para o mesmo.

b) Ser marido de uma só mulher: Há pelos menos cinco interpretações à presente exigência, onde aqui se destaca a fidelidade conjugal. Para ser um bom obreiro é necessário ser antes um bom marido. É preciso cuidar da família, para depois cuidar também da Igreja (1 Tm 3.4-5). São vários os laços que

conduzem a infidelidade conjugal e à destruição de um casamento. Com o advento da Internet os riscos se multiplicaram, e as redes sociais se tornaram um terreno movediço para envolvimento com comportamentos e relacionamento ilícitos. O obreiro que se envolve em relações extraconjugais, ou que contribui de outras formas para a destruição do seu casamento, poderá ter o seu ministério comprometido seriamente, e em alguns casos definitivamente.

c) Ter domínio próprio: As três palavras “temperante”, “sóbrio” e “modesto” se relacionam com o autocontrole. Vigilância, sensatez e respeitabilidade são ideias presentes e relacionadas com esses termos. O equilíbrio em todas as áreas da vida é conduta que condiz com o vocacionado para o ministério. Emoções, finanças, comportamentos, relacionamentos, tudo deve ser regado pela temperança, pela sobriedade.

d) Ser hospitaleiro: Literalmente “ter amor pelos estranhos”. Nos dias atuais tal prática precisa ser exercida com muita prudência. Há muitos que de forma mal-intencionada desejam ser acolhidos e hospedados em nossas casas e igrejas. É preciso conhecer a procedência do visitante. Uma vez certificada a boa índole do viajante, devemos tratá-lo como gostaríamos de ser tratados, promovendo o seu bem-estar. Obreiros precisam sentir prazer ao receber visitas de amigos e de irmãos em Cristo. Esse tipo de atitude e convivência fortalece os laços fraternos.

e) Ser qualificado para o ensino: Em meio às qualidades morais aparece a exigência da destreza para com o ensino da Palavra, tarefa primordial no exercício da atividade pastoral, e nas demais funções de liderança. Ensinar é um dom de Deus (Rm 12.6-7; Ef 4.11; 1 Co 12.18). Os que militam na pregação e no ensino devem ser dignos de duplicada honra (1 Tm 5.17). A aptidão para o ensino implica o desenvolvimento das habilidades de interpretação e exposição das Escrituras. De um bom e apropriado método hermenêutico de interpretação bíblica dependem a pregação e o ensino. Do conhecimento das línguas originais do Antigo e do Novo Testamento, do ambiente cultural e de outros fatores contextuais dependem a exegese. É disso que Paulo trata, escrevendo a Timóteo, quando diz “que maneja bem a palavra da verdade” (2 Tm 2.15). O dom de ensinar pode ser desenvolvido através da leitura de bons livros sobre hermenêutica e homilética, do estudo em instituições de educação teológica e, é claro, com a observação e a prática. A linguagem do obreiro ao ensinar a Palavra precisa alcançar a todos os ouvintes. É possível ser profundo sem deixar de ser simples e claro na comunicação. Jesus é a grande prova e exemplo disso.

f) Ter um temperamento debaixo do controle do Espírito: Não ser violento, ser cordial e inimigo de contendas, é postura que manifesta alguns aspectos do temperamento e caráter. O temperamento não é

coisa muito simples de se lidar. Examinemos o caso de Moisés (Nm 20.1-12). O temperamento fora do controle geralmente se torna uma arma que fere a todos e a tudo que nos cerca, nos fazendo perder grandes oportunidades e bênçãos. Quando as nossas emoções saem do domínio do Espírito, quando nos deixamos ser controlados por elas, acabamos por repetir o erro de Moisés. É preciso ter cuidado com o temperamento, pois ele pode nos causar muitos danos.

g) Saber lidar com o dinheiro: A gestão financeira pessoal, familiar e organizacional recomenda ou reprova para o exercício do ministério. Quem não sabe cuidar das próprias finanças, como poderá ser gestor das finanças da igreja, ou dar bom testemunho nesta área?

h) Ser um bom administrador da própria casa: A maneira de governar a casa, considerando os princípios administrativos do planejamento, organização direção e controle, deve também ser observada.

i) Ter maturidade para o serviço: Um recém convertido não é alguém recomendável para o ministério. É preciso que se dê um tempo hábil para que seja observado enquanto crente, com sua vida agora fundamentada na Palavra.

Todos os conceitos, definições e competências acima citados e comentados podem ser estudados de maneira bem ampla através das diversas disciplinas

de um curso teológico (Teologia Sistemática, Liderança Cristã, Teologia Pastoral, Hermenêutica e Exegese Bíblica, Homilética, Ética Ministerial, Ética Cristã, Aconselhamento Pastoral, etc.). A interação e a discussão em sala de aula entre professor e aluno aumentam o conhecimento e aperfeiçoam a prática.

Uma vocação digna necessita de homens e mulheres dignos da referida vocação (Ef 4.1). Assim como há uma responsabilidade em se viver com dignidade a vocação salvífica, da mesma maneira se deve viver e dignificar a vocação ministerial.

A educação teológica coopera com tal necessidade e responsabilidade.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Allan. *El pentecostalismo: El cristianismo carismático mundial*. Móstoles, Madri: Akal, 2007.

ARAÚJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ALENCAR, Gedeon. *Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

BERG, Gunar. *Você é teólogo e não sabe*. 2. ed. Campinas, SP: Edições Bernhard Johnson, 2020.

Bíblia de Estudo Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

Bíblia de Estudo Palavras-Chave em Hebraico e Grego. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

BERG, Daniel. *Enviado por Deus: memórias de Daniel Berg, fundador das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

BRENDA, Albert W. *Ouvi um recado do céu: biografia de J. P. Kolenda*. 2. Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988.

CARSON, D. A. *Os perigos da interpretação bíblica*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2001.

CÉSAR, Kléos Magalhães Lenz. *Vocação: perspectivas bíblicas e teológicas*. Viçosa-MG: Ultimato, 2002.

COENEN, Lothar; BROW, Colin. *Dicionário Internacional do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COLLINS, Kenneth J. *Teologia de Wesley: o amor santo e a forma da graça*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DANTAS, Anísio Batista. *O pastor e o seu ministério: manual do obreiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

DURANT, Will. *A Reforma: uma história da civilização europeia de Wyclif a Calvino: 1300-1564*. Tradução de Mamede de Souza Freitas. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. V. 6

FERREIRA, Wilson Castro. *Calvino: vida, influência e teologia*. Campinas, SP: LPC, 1990.

FRESTON, Paul (1996). *Breve história do pentecostalismo brasileiro*. In Alberto Antoniazzi et al (Org.), *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo clássico* (p. 67-99). 2. Ed. Petrópolis-RJ: Vozes.

God's Bible School and College. Disponível em < <http://en.wikipedia.org> >. Acesso em 21/03/2011.

GOMES, José Ozean. *Educação teológica no pentecostalismo brasileiro: a política eclesial da Assembleia de Deus no Brasil com respeito ao ensino formal (1943-1983)*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

GERMANO, Altair. *O líder cristão e o hábito de leitura*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. *Religião, Educação & Progresso*. São Paulo: Mackenzie, 2000.

GONZALEZ, Justo L. *Uma história ilustrada da igreja: a era dos dogmas e das dúvidas*. São Paulo: Vida Nova, 1990.

GREATHOUSE, William M; METZ, Donald S.; CARVER, Frank G.. *Comentário Bíblico Beacon*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p. 418, v. 8.

HORTON, Stanley M. *Comentário I e II Coríntios*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 197.

JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômica-social no período neotestamentário*. Santo André, SP: Academia Cristã/ Paulus, 2010.

LATOURETTE, Kenneth Scott. *Uma história do cristianismo*. São Paulo: Hagnos, 2006. V. 2: 1500-1975 a.D.

LIENHARD, Marc. *Martim Lutero: tempo, vida, mensagem*. São Leopoldo: Sinodal, 1988.

Lutero, Calvino e a Academia de Genebra. Disponível em <<http://www.mackenzie.com.br>>. Acesso em 21/03/2011.

Lutero Monge Agostiniano. Disponível em <<http://www.comcristo.org.br>>. Acesso em 21/03/2011.

MARTINS, Orlando. *A história da educação teológica no pentecostalismo brasileiro*. São Paulo: Editora Reflexão, 2018.

MATOS, Alderi Souza de. *Universidades Protestantes: benefícios e riscos*. Revista Ultimato. Viçosa-MG, Ano XLIV, nº 329, Março-Abril 2011.

NAÑEZ, Rick. *Pentecostal de coração e mente: um chamado ao dom divino do intelecto*. São Paulo: Vida, 2007.

NELSON, Samuel. *Samuel Nyström: pioneiro do ensino pentecostal em escolas bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

NOLL, Mark A. *Momentos decisivos na história do cristianismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

OLSON, Roger. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Vida, 2001.

PETHRUS, Lewi. *Lewi Pethrus: a vida e obra do missionário sueco que expandiu a mensagem pentecostal no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

ROSELL, Garth; DUPUIS, Richard. *Memórias originais de Charles G. Finney: uma narrativa de reavivamentos que marcaram a história*. São Paulo: Vida, 2006.

SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento Pentecostal e carismático*. Tradução de Judson Canto. São Paulo: Vida, 2009, p. 90-91.

SYNAN, Vinson; FOX JR. Charles. *William Seymour: a biografia*. Tradução de João Costa. Natal, RN: Carisma, 2017, p. 123-124.

STOTT, John. *A mensagem de 1 Timóteo e Tito: a vida da igreja local, a doutrina e o dever*. São Paulo: ABU Editora, 2004.

VAUX, R. de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.

VINE, W.E.; UNGER, Merril, F.; WHITE JR., William White. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

VINGREN, Ivar. *Diário do pioneiro: Gunnar Vingren, fundador das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

ZILLES, Urbano. *Desafios atuais para a Teologia*. São Paulo: Paulus, 2011.